

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA
AGROTÉCNICA FEDERAL DE CODÓ-MA:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA ESCOLAR

IVONETE MENDES DE SOUSA

2010



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE
CODÓ-MA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA ESCOLAR**

IVONETE MENDES DE SOUSA

Sob orientação da Professora
Andrea Berenblum

e Co-orientação da Professora
Marília Lopes Campos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, área de concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ
Fevereiro de 2010

028.9

S725p

T

Sousa, Ivonete Mendes de, 1964-.

Práticas de leitura na escola
Agrotécnica Federal de Codó-MA:
considerações sobre a leitura escolar /
Ivonete Mendes de Sousa - 2010.

71 f.: il.

Orientador: Andréa Berenblum.

Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa
de Pós-Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 57-59.

1. Leitura - Teses. 2. Leitores -
Formação crítica - Teses. I. Berenblum,
Andréa, 1964-. II. Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-
Graduação em Educação Agrícola. III.
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

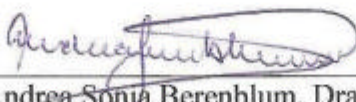
IVONETE MENDES DE SOUSA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

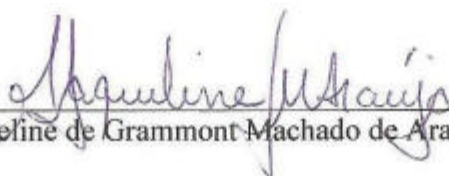
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 03/03/2010.



Lucília Augusta Lino de Paula, Dra. UFRRJ



Andrea-Sônia Berenblum, Dra. UFRRJ



Maria Jaqueline de Grammont Machado de Araújo, Dra. UFOP

Aos meus pais, irmãos e sobrinhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela coragem e proteção em todos os momentos de minha vida.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela oportunidade oferecida para a realização do curso de Mestrado.

A professora Dr^a. Andrea Sonia Berenblum e Professora Dr^a Marília Campos pela paciência, apóio e orientação ao longo desse trabalho.

Ao Professor Dr. Gabriel de Araújo Santos, pelo carinho e apoio que tanto precisei.

A Professora Dr^a Sandra Barros Sanches, pela gentileza e atenção nos momentos mais difíceis.

Aos funcionários do PPGEA pelos serviços prestados, em especial a Nilson Carvalho.

Aos professores do curso de Mestrado que contribuíram para a minha formação.

Aos amigos do curso de Mestrado pelo companheirismo e estima, em especial a Inaldo, Ribamar, Jaime, Ângelo, Edvaldo, Márcia e Isa.

A Professora Maria Leidinalva Batista Miranda, amiga de infância, pelo carinho e amizade.

A equipe gestora e pedagógica da EAF- Codó_MA, pelo apóio incondicional na realização desse trabalho, também aos funcionários responsáveis pelo setor de Recursos Humanos pela a atenção e auxílio prestados.

A Professora Fátima Maria Lima Falcão de Abreu, gestora da Unidade Regional de Educação de Codó-MA, pela atenção e incentivo na realização desse trabalho.

A equipe gestora do CEM. Luzenir Matta Roma pelo apóio durante esse trabalho.

A Professora Francisca Vieira da Silva, amiga de tantos anos, pela sua presença na execução das etapas do Projeto Rodas de Leitura.

Aos Amigos Wolney Campos e Paulo Jerfeson pela leitura dos originais.

A Associação APLEC pela oportunidade de realização do estágio profissional.

A Escola Agrotécnica Federal de Castanhal, pela atenção e apoio na realização do estágio pedagógico.

A senhora Doralice e família, pelo acolhimento em sua residência na cidade de Castanhal- PA.

Aos alunos participantes do Projeto Rodas de Leitura, pela a presença contagiante de cada um, durante a execução do projeto.

A minha família pela constante presença nos momentos mais difíceis, especialmente as sobrinhas Larissa e Priscilla pela ajuda e dedicação ao longo desse trabalho.

A todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para elaboração desta dissertação.

“Durante muitas horas
Vivi momentos de diálogo
E risos, onde não sobrou sequer
Um espaço pra timidez.

Durante muitos minutos
Eu me dediquei e até brinquei
Um pouco com a leitura, as cores, a escrita.”

Fernando Pires Santiago (Aluno participante do Projeto Rodas de Leitura)

RESUMO

SOUSA, Ivonete Mendes de. **Práticas de Leitura na Escola Agrotécnica Federal de Codó-MA: Considerações sobre a Leitura Escolar**. 71 p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica-RJ, 2010.

Este trabalho trata de práticas de leitura na Escola Agrotécnica Federal de Codó-MA, da forma como se dão e as expectativas em relação às aulas de leitura, por parte de alunos e professores da referida Escola. Tendo como pressuposto a leitura como prática social, focaliza-se a leitura em dois âmbitos principais: a leitura no âmbito familiar ou pessoal e a leitura no âmbito escolar. Para dar conta dos questionamentos presentes na pesquisa, lançou-se mão de métodos qualitativos, como observação participante, entrevistas semi-estruturadas, a elaboração e execução de um projeto de leitura chamado “Rodas de Leitura” e o uso da técnica de portfólio. A pesquisa foi executada no ano de 2007 e contou com a participação de alunos, professores e funcionários da referida escola. Objetivou-se, primeiramente, conhecer a realidade das práticas de leitura existentes na EAF-Codó/MA de forma a contribuir com a formação de leitores na mesma escola, e para isso, foi também necessário o uso de pesquisa de campo, além das técnicas de pesquisa já mencionadas. Com os primeiros dados coletados, iniciou-se a execução do Projeto Rodas de Leitura, como forma de avaliar mais diretamente como a leitura estava presente na vida de alunos e professores. A análise das entrevistas revelou uma realidade na qual a leitura existe, mas não é totalmente aproveitada no âmbito escolar, dentre diversos fatores tem-se o pouco uso de metodologias e projetos voltados para o incentivo à leitura juntamente com o acesso relativamente escasso a títulos oferecidos pela biblioteca da escola, esta apontada como referência de leitura na escola. Com a análise dos materiais produzidos pelos alunos, juntamente com a produção de portfólio, coletados durante a realização do Projeto Rodas de Leitura, constatou-se que as práticas de leitura existentes podem ser aprimoradas se conduzidas de uma forma mais dinâmica e preocupada com a dimensão social que permeia a vivência de cada sujeito da pesquisa.

Palavras-chave: Práticas de Leitura, Formação do Leitor, Práticas sociais, Leitura Escolar.

ABSTRACT

SOUSA, Ivonete Mendes de. **Practices of Reading at Escola Agrotécnica Federal de Codó-MA: Considerations about School Reading**. 71 p. Dissertation (Masters Science in Agricultural Education). Instituto de Agronomia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica-RJ, 2010.

This work deals with practices of reading at Escola Agrotécnica Federal de Codó-MA, the way in which those practices are and the expectations for the reading classes, by students and teachers of the School. With the assumption of reading as social practice, it focus on reading in two main dimensions: the reading in the family or the personal dimension and the reading within school dimension. To make the questions in this research answerable, it was used some qualitative methods such as participant observation, semi-structured interviews, the preparation and implementation of a reading project called 'Rodas de Leitura' and the use of the technique of portfolio. The research was conducted in 2007, with the participation of students, teachers and the staff of the School. It was aimed, firstly, to know the reality of the practices of reading at the EAF-Codó/MA so that it would be possible to contribute for the formation of readers in the mentioned School, for that, it was also necessary the use of field research, in addition to technical research already mentioned. Counting with the first datas collected, the Rodas de Leitura Project was started as a mean to evaluate more directly the way the practices of reading were present in the lives of students and teachers. The analysis of interviews revealed a reality in which the reading is there, but is not fully used within school, and that is because, among several factors, the underestimation of methodologies and projects designed to motivate the reading practices, and that plus the less access to the low titles offered by the school's library, that institution considered the reference for reading at school. The analysis of the research materials produced by students, along with the production of Portfolio, collected during the Rodas de Leitura Project, showed that the existing practices of reading at School can be enhanced if conducted in a more dynamic way also concerned with the social dimension that is part of the live of each subject in the research.

Keywords: Practices of reading, Readers' formation, Social practices, School reading.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Cinco maiores cidades maranhense.....	24
Tabela 2 - Amostra selecionada: sujeitos entrevistados	33
Tabela 3 - Frequência da leitura dos alunos	42
Tabela 4 - Principais suportes de leitura	42
Tabela 5 - Opinião dos alunos sobre a aula de leitura na EAF-Codó-MA.	44

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo das etapas do Projeto Rodas de Leitura (Continua)	35
Quadro 2 - Características das respostas dos professores quanto à leitura no âmbito pessoal	46
Quadro 3 - Características das respostas dos professores quanto à leitura no âmbito escolar.	47

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo dos alunos	41
Gráfico 2 - Avaliação dos alunos sobre oportunidades que a escola oferece para prática de leitura.	43
Gráfico 3 - Frequência dos alunos na biblioteca da escola.	44
Gráfico 4 - Expectativas dos alunos em relação às aulas de leitura.	45

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Cartaz do Projeto Roda de Leitura.....	34
Figura 2 - Alunos durante atividades do Projeto Rodas de Leitura.	37
Figura 3 - Alunos executando atividades no Projeto Rodas de Leitura.....	38
Figura 4 - Encerramento do Projeto Rodas de Leitura.	40
Figura 5 - Desenho produzido por aluno sobre o tema a infância.....	49
Figura 6 - Desenho produzido por aluno sobre o tema futuro.....	50
Figura 7 - Texto descritivo produzido por alunos com o título “Avenida 1º de Maio”	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. CAPÍTULO I - UMA ABORDAGEM DA LEITURA NUMA VISÃO SÓCIO-POLÍTICA E CULTURAL	4
1.1. Importância da Leitura	4
1.1.1. Leitura e problema social	6
1.1.2. Práticas de leitura	8
1.2. A Presença do Leitor	14
1.2.1. Definição de leitor	15
1.2.2. A Família e a formação do leitor	16
1.2.3. A escola e a formação do leitor	18
2. CAPÍTULO II - O UNIVERSO DA PESQUISA	24
2.1. Aspectos Econômicos e Culturais do Estado do Maranhão	24
2.2. Breve Comentário sobre o Município de Codó-MA	27
2.3. Contextualização do Campo de Pesquisa	28
2.3.1. Caracterização da EAF/Codó-MA	28
2.3.2. Cursos oferecidos	29
2.3.3. Corpo discente/docente e técnico administrativo	29
2.4. O Percurso Metodológico da Pesquisa	30
2.5. Procedimentos Metodológicos	31
2.5.1. Sujeitos da pesquisa	31
2.5.2. Entrevistas	32
3. CAPÍTULO III - A LEITURA NA EAF-Codó-MA	34
3.1. Projeto Rodas de Leitura	34
3.1.1. Etapas de execução do projeto	36
3.2. Os Alunos e a Leitura	40
3.2.1. A Leitura na vida dos alunos	41
3.2.2. A Leitura na escola	43
3.2.3. Perspectivas dos alunos em relação às aulas de leitura na EAF/Codó-MA	45
3.3. Os Professores e a Leitura	45
3.3.1. Representação da leitura para o professor	46
3.3.2. A Prática de leitura dos docentes na escola	47
3.3.3. Perspectivas dos professores em relação à leitura na EAF/Codó-MA	47
3.4. O Papel da Biblioteca nas Práticas da Leitura na Escola	48
3.5. Resultados e Discussão	48
3.5.1. A prática de leitura dos alunos da EAF/Codó-MA	49
3.5.2. Perspectivas para a leitura na vida dos alunos da EAF/Codó-MA	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXOS	60

INTRODUÇÃO

A leitura de mundo que marca nossas vidas, geralmente, é resultado do nosso envolvimento com a família, amigos e professores. Estes desempenham grande influência em nossa formação.

O meu envolvimento com a leitura vem da época de criança. Retomando as lembranças, encontrei as primeiras impressões de leitura que marcaram minha vida.

Iniciei o curso primário na Escola Municipal Santa Filomena. Recordo-me que poucas professoras narravam pequenas histórias, porém, não foram momentos interessantes. Não tínhamos acesso aos livros narrados e nunca freqüentei a biblioteca da escola. Morava em companhia de minha avó, irmãos e primos. Este período foi muito especial para nós, pois, tínhamos o hábito, à noite, de ouvir as estórias infantis narradas por ela, o que me possibilitou ter os primeiros contatos com a leitura.

Tempos depois, meu contato direto com os livros ocorreu através da curiosidade de criança em olhar alguns exemplares das coleções que meu pai possuía. Entre elas: PAPE (Pesquisa Escolar), Os Maiores Clássicos de Todos os Tempos e Coleções de Histórias Infantis. Dentre esses livros, fui atraída pela leitura dos contos de fada. Fascinava-me a construção dos personagens e o mundo encantado de cada um deles. Como narra (PALO e OLIVEIRA, 2006, p.33)

Era uma vez um menino que quando nasceu recebeu de umas fadas invisíveis uma porção de dons especiais. Tinha voz para cantar e falar. Tinha mãos para pegar e fazer. Tinha pernas para andar e correr. Tinha cabeça para inventar e pensar. Mas como ele morava num lugar onde as pessoas faziam quase tudo para ele, muitas vezes não era preciso usar esses dons.

No antigo curso ginasial, a disciplina Português era a minha preferida; a leitura era mais resumida no livro didático, que destacava alguns poemas, os quais, até hoje, guardo na memória. Também comecei a ter contato com a fascinante leitura das revistas em quadrinhos, cuja leitura era costume das crianças daquele tempo. Somam-se a isso o empréstimo e troca dessas revistinhas. Conforme afirma Dalla Zen (1997, p. 72):

O que dizer da alta preferência pelos quadrinhos? Atualmente, ninguém põe mais em dúvida a importância desse tipo de texto. Principalmente quando sabemos que a maioria das crianças (sem falar nos adultos) conhecem e lêem as revistinhas. Comprando-as ou tomando-as emprestadas dos colegas.

No ano de 1981, iniciei o Ensino Médio, na Escola Luzenir Matta Roma e, mais uma vez, a leitura surgiu de forma atrativa. Naquela época, fazia parte do quadro de docentes a professora de Língua Portuguesa Cléia, que incentivou leituras de livros como: Poliana Menina e os clássicos da Literatura Brasileira. Lembro-me de testes e trabalhos que fazíamos abordando a gramática e algum romance comentado em sala de aula. Nessa mesma época, recebi influência de minha vizinha, Dilma Mello, eterna leitora, com quem até hoje discuto poesia e outros temas do mundo da literatura. Ingressei no curso de Licenciatura Plena em Letras, em 1989, com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, na Faculdade de Formação de Professores em Araripina-Pe.

Dois anos depois, consegui transferência do curso para a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA-CESC), na cidade de Caxias, onde permaneci até o final do curso. Esse período de vida acadêmica contribuiu de forma peculiar para meu desenvolvimento pessoal, ampliando conhecimentos culturais para subsidiar o gosto pela leitura e, de forma especial pela poesia. Ainda, na universidade, participei do Festival de Poesia “O Guesa”, com destaque em primeiro lugar. Considero este um momento especial em minha vida, porque foi a partir daí, que despertei o gosto para a leitura crítica que se preocupa em analisar os fatos de ordem econômica, política e social presente na realidade.

Desde 1998, participo da Associação Cultural “Antônio de Almeida Oliveira”, na cidade de Codó-MA, como membro-fundadora. O objetivo dessa Associação é incentivar a cultura local, como também promover lançamentos de livros de escritores codoenses e de cidades vizinhas. No ano de 2001, foi promovido o Seminário Literário “Função Social de Castro Alves”, apresentado por mim e outro membro da Associação, para a comunidade em geral.

Com o passar do tempo, a relação com os livros foi se transformando. A leitura foi se modificando para mim, que necessitava ler para refletir sobre a sociedade. Fui buscando os autores que me davam respostas às minhas dúvidas, que demonstravam perplexidade diante de problemas de nossa sociedade e que buscavam entender a complexidade da alma humana. Assim, depois de todas essas experiências de vida, percebi que a leitura está intrínseca no meu passado, ou seja, na minha história.

A temática leitura sempre esteve presente ao longo da minha vida, desde as primeiras experiências vivenciadas na infância, até hoje. Em 1987, iniciei minha carreira docente como professora de Língua Portuguesa, na Rede Estadual de Ensino e, um ano depois, na Rede Federal. Ambas as instituições com alunos, na grande maioria de classe social baixa, que apresenta dificuldades em leitura e interpretação de texto: a exemplo de falta de entendimento do vocabulário, e por fim, o aluno não consegue identificar vários sentidos existentes no texto e fazer suas correlações; não apenas em Português, como também nas demais disciplinas. Por outro lado, trazem experiências interessantes em termo de leitura de mundo, oriundas de suas vivências cotidianas nos mais diferentes universos, que, certamente, vêm enriquecer o trabalho que ora nos propomos fazer. Visto que a leitura ganha uma nova dimensão, torna-se bem mais interessante e proveitosa, pois cada um tem algo a acrescentar com suas narrativas, muitas vezes repletas de significados pontuados nas entrelinhas. Isso para mim, ganha uma importância fundamental.

A partir dessas implicações na minha prática pedagógica, e com a busca incansável de soluções para essas e outras questões que permeiam a educação brasileira, no que diz respeito em especial à Língua Portuguesa, é que me propus a estudar a temática leitura já apresentada, na tentativa de propor, futuramente, metodologias diversificadas para práticas de leituras que venham contribuir para o crescimento sócio-cultural do aluno enquanto ser humano. Conforme mencionou Freire (2006, p. 12): “A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de ler”.

A busca da leitura como fonte de reflexão no curso de Mestrado em Educação Agrícola, foi de grande relevância na minha vida acadêmica. Refiro-me, particularmente, à aula do professor Aloísio Jorge, que ministrou a disciplina “Estudos Culturais da Ciência e Educação”, além de tantas outras disciplinas que reforçaram a leitura crítica na compreensão do universo da complexidade humana. Assim, nesse mesmo tempo, o curso de Mestrado aproximou-me de vários teóricos com o objetivo de adquirir embasamento para uma experiência nova: a pesquisa acadêmica.

A minha trajetória de vida, juntamente com essa nova fase de pesquisa, deram origem a este trabalho que tem como objetivo geral refletir sobre as diversas práticas de leitura e suas implicações na formação de alunos da Escola Agrotécnica Federal de Codó-MA (EAF/Codó-

MA). O trabalho apresentado busca pautar-se em alguns questionamentos que têm permeado a pesquisa, dentre os quais: que diferentes práticas de leitura dos alunos são possíveis identificar no contexto sócio-cultural deles? Quais os pontos dificultadores no exercício da leitura? De que forma a leitura está sendo trabalhada pela escola e família? Quais os fatores que provocam desinteresse nos alunos pela leitura? Como propor elementos de redimensionamento das práticas de leitura no contexto escolar?

A partir da necessidade de responder às minhas inquietações, esta pesquisa se propõe refletir sobre a existência de diversas práticas de leitura e sua implicação na formação de alunos no âmbito da EAF/Codó-MA, sendo esse ambiente escolhido como campo de atuação para a pesquisa, já que se trata da instituição em que desenvolvo minha atuação profissional.

Para uma abordagem que levasse em conta a realidade social dos sujeitos envolvidos na pesquisa, tornaram-se representativas as idéias de autores como Silva (2005) e Lajolo (2006), que consideram a leitura como uma prática social e destacam a importância de discutir as condições de efetivação dessa prática no ambiente escolar. Seguindo na esteira desses dois autores, Freire (2006) aborda o trabalho com a leitura de forma a se potencializar as experiências de vida do educando, ou seja, a leitura de mundo, fazendo com que esse mesmo educando seja sujeito de sua própria história. Além dessa perspectiva sócio-cultural da leitura, a partir de Maria (2002), que procura abordar vários fatores importantes para a formação de leitores, como por exemplo: despertar o aluno para o prazer da leitura, discussão de fatores sócio-econômicos presentes no universo da leitura, sempre seguindo a perspectiva adotada pelos autores.

A perspectiva histórica contribui para a melhor compreensão de uma visão mais geral sobre as questões relacionadas às práticas de leitura, a partir da investigação histórica sobre maneiras de ler. Chartier (2001) é tomado como referência principal, visando o avanço das práticas de leitura.

As etapas percorridas são caracterizadas pelo método qualitativo de pesquisa em educação: observação participante uso de entrevistas semi-estruturadas, elaboração e execução de um Projeto de Leitura realizado na escola, com o auxílio da técnica de portfólio.

Diante do exposto, o trabalho está estruturado em três capítulos, organizados da seguinte forma:

O Capítulo I aborda-se a leitura a partir de uma visão sócio-política e cultural, de acordo com a linha de investigação dos autores citados acima. Logo em seguida, a figura do leitor é abordada a partir de dois âmbitos indicados como importantes para a formação do leitor: a família e a escola.

No Capítulo II, traça-se um mapeamento dos aspectos econômicos, sociais, culturais e educacionais do Estado do Maranhão. Neste Capítulo, caracteriza-se, ademais, a escola campo escolhida para esta pesquisa desde sua estrutura física até seu quadro de funcionários. Apresentam-se o percurso metodológico da pesquisa, os procedimentos metodológicos utilizados com o detalhamento de cada etapa de execução da mesma. Ainda encontra-se neste Capítulo, uma caracterização dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

No Capítulo III, apresenta-se o planejamento e execução do projeto “Rodas de Leitura”, visando auxiliar melhor o entendimento do estudo realizado. Além da sistematização e a análise dos dados coletados, a partir das repostas dos professores, alunos e funcionária da biblioteca, durante as entrevistas, referentes à problemática do trabalho. Neste mesmo Capítulo, faz-se a discussão a partir dos resultados obtidos, utilizando-se também de outros dados coletados durante a execução do projeto “Rodas de Leitura”.

Seguem-se a esses três capítulos, as Considerações Finais, com as impressões e perspectivas de pesquisas futuras.

1. CAPÍTULO I - UMA ABORDAGEM DA LEITURA NUMA VISÃO SÓCIO-POLÍTICA E CULTURAL

A palavra leitura, etimologicamente, parte do verbo ler, que se origina do latim *legere*. Apresenta vários significados, a saber: apanhar, retirar, escolher e captar. Compartilhando com essa idéia, Paulino destaca três significados na origem do vocábulo:

Primeiro, ler significa soletrar, agrupar as letras em sílabas; segundo, ler está relacionado ao ato de colher, a leitura passa a ser a busca de sentidos no interior do texto, nessa concepção os sentidos vivem no texto, basta que eles sejam retirados, colhidos como uvas no vinhedo; e, terceiro e último sentido apontado vincula o ler ao roubar, isto é, o leitor tem a possibilidade de tirar do texto sentidos que estavam ocultos. (PAULINO, 2001)

As informações acima mostram que, no primeiro momento, o sentido de ler é bastante restrito; apenas agrupa palavras para formar sílabas. Já no segundo momento, ler representa ato de colher; a leitura tem sentido mais profundo, pois as informações concentram-se no texto, o que se constitui responsabilidade do leitor para interpretá-los. O terceiro representa o momento em que o leitor, através de seus conhecimentos, retira do texto sentidos que ainda permaneciam secretos. Assim, é na troca de conhecimentos entre autor e leitor que os sentidos do texto vão se constituindo e outras leituras poderão surgir.

1.1. Importância da Leitura

Presencia-se a atividade de leitura em todos os níveis educacionais da sociedade vigente. Tal atividade tem início desde a fase da alfabetização, momento em que a criança passa a entender o sentido real das mensagens transmitidas por meio da escrita. Assim, logo após essa fase, a criança continua a interagir com diferentes tipos de textos durante todo o percurso de sua vida (não apenas acadêmica).

Nesse ponto é interessante caracterizar a leitura como experiência essencial da vida humana, pois se torna um vínculo entre o ser humano e seu contexto social; promovendo, assim, a crescente aquisição do conhecimento. Conforme Silva (1996, p.32):

Entende-se por “experiência” o conhecimento adquirido pelo indivíduo nas suas relações com o mundo, através de suas percepções e vivências específicas, verifica-se que a leitura (isto é, o instrumento necessário à compreensão do material escrito) também pode ser vista como uma fonte possível de conhecimentos.

Estas informações explicitam que a leitura está presente nas relações do homem com o mundo que o cerca. De fato, essa atividade se desenvolve através de vivências e trocas de experiências entre o homem e seus semelhantes. Lê-se não só por puro prazer, mas para adquirir conhecimentos.

A leitura apresenta-se ao homem como instrumento importante no processo de socialização. Oferece-lhe a possibilidade de acumular conhecimentos na medida em que essa atividade se desenvolve. Desse modo, o relacionamento deste com os bens culturais,

inclusive, “o livro”, contribui de forma indispensável para a divulgação do conhecimento na sociedade. Compartilhando com essa idéia, o mesmo autor destaca:

A própria instituição escola, principal responsável pelo ensino do registro verbal (principalmente ler e escrever) da cultura nos dias atuais, concebe o livro- didático ou não- como um instrumento básico, como um complemento primeiro às funções pedagógicas exercidas pelo professor.[...] isto ocorre porque o patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade se encontra em diferentes tipos de livros. Assim, o acesso aos bens culturais, proporcionado por uma educação democrática, pode muitas vezes significar o acesso aos veículos onde esses bens se encontram registrados – entre eles o livro. (SILVA, 1996, p. 33)

De acordo com as informações acima, faz-se necessário destacar o valor que o livro representa na vida das pessoas. Isto porque está presente na vida do homem, desde cedo, com objetivo de disseminação da cultura. Nesse sentido, através do professor, a escola utiliza esse suporte para complementação de atividades pedagógicas e divulgação do conhecimento. Dessa forma, ao longo dos tempos, o livro tem desempenhado importante papel na transformação do ser humano. Assim, ao praticar a leitura do livro, cresce a necessidade de se adquirir uma postura crítica em relação à realidade.

Observa-se que a leitura está inserida no dia-a-dia do ser humano. Uma vez que essa atividade é importante para o conhecimento do mundo, como também, para o crescente número de informações utilizadas pelo leitor em suas relações nos grupos sociais, no trabalho e na escola.

A leitura apresenta-se como algo imprescindível na vida cotidiana. Uma vez que o uso dessa atividade não deve se restringir apenas ao setor profissional, mas também fora deste. Segundo Moraes (1996, p. 21): “Já não se trata de ser capaz de ler apenas o nome da estação do metrô, os anúncios ou o número do telefone de alguém, na lista, mas de saber ler a informação por computador, os boletins de previsões meteorológicas etc.” Portanto, a leitura deixa de ser decodificação de símbolos e significa interpretação e compreensão do que se lê.

Nos dias atuais, em meio a uma sociedade globalizada, nota-se elevado índice de desigualdade em vários setores da esfera social; o que constitui fato cada vez mais comum na vida do ser humano. E dentro desse contexto, a leitura apresenta-se não apenas como decodificação de códigos, mas como instrumento necessário para realizar a leitura de mundo e do contexto vivenciado pelo sujeito. Conforme Silva (1996, p.43): “[...] a leitura, possibilitando a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem.” Assim, esses conhecimentos relacionados à experiência de vida vêm contribuir para o desenvolvimento da leitura na vida pessoal, educacional e profissional.

Neste contexto, faz-se necessário destacar a situação da leitura no Brasil. Uma vez que, o despreparo do professor, falta de infra-estrutura e a ausência de políticas atuantes das autoridades educacionais, convivem juntamente no espaço brasileiro, tornando cada vez mais grave a questão. Cabe mencionar que, como fica estabelecido nos PCN’s:

Em um plano geral, deparamo-nos com um quadro de desvalorização da profissão docente, em que o profissional é levado a dar aulas muitas vezes em condições inadequadas para o desenvolvimento de uma prática pedagógica produtiva. A precariedade das instalações dos aparelhos escolares, as dificuldades e carências da clientela, a falta de perspectivas no plano financeiro levam muitas pessoas a desistirem precocemente de uma vocação que, em outras condições, teria tudo para frutificar. (BRASIL, 2002, p, 85)

Vale lembrar que, ao longo dos tempos, a profissão de professor passou por vários problemas. De fato, as condições de trabalho ou materiais de apoio ao ensino são inadequadas, há baixa perspectiva salarial, como também, a infra-estrutura das escolas apresenta problemas. Enfim, junto a todo esse quadro de dificuldades, há também uma série de insatisfações em relação ao trabalho realizado na escola.

Por outro lado, é necessário pensar nas condições de produção de leitura dos docentes. Assim, desde o momento que o professor inicia sua participação em assembléia de sindicatos e palestras, intensifica cada vez mais a leitura crítica baseada no contexto social. Compartilhando com Silva (2005, p.18): “É interessante observar que a reunião em assembléia [...], lançou mão da oralidade dos participantes. Esse fenômeno serve para mostrar a capacidade dos professores [...] em ler e expressar os problemas do cotidiano.” Envolvidos pelo sentimento de reflexão através da leitura da realidade presente, os educadores mantêm viva a prática da mobilização. Diante disso, o docente aumentará o seu nível de conhecimento, ao alcançar o ato de leitura em condições adequadas, o que lhe proporcionará melhoria nas atividades pedagógicas.

Pode-se dizer que a leitura constitui um dos principais componentes do processo educacional, sendo assim, deve ser praticada, por professores e alunos, no sentido de adquirir cada vez mais conhecimento. Ainda dentro desse contexto, “ler e conhecer são atos indissociáveis, que aumentam o leque de opções e decisões do cidadão” (SILVA, 2005, p. 85). Portanto, a leitura desempenha importante papel na vida das pessoas, pois amplia e integra conhecimentos proporcionando bem-estar social.

1.1.1. Leitura e problema social

Pode-se dizer que, antes do período da Revolução Industrial, o exercício da leitura era restrita a uma pequena minoria, quer seja leitura de prazer (romance), de escrituras divinas, ou até mesmo de textos técnicos relacionados, mais especificamente, às associações ou às profissões. Atualmente, o direito de ler, escrever e contar universalizou-se para todos os segmentos da sociedade.

Por outro lado, cerca de 16% da população mundial é analfabeta (o que corresponde a 776 milhões de pessoas, incapazes de ler e escrever um texto simples), tal fato proporciona grande desigualdade entre as pessoas na sociedade. Ainda nesse contexto de desigualdade social, o presidente da Organização das nações Unidas para Educação Ciência e Cultura (UNESCO), Koichiro Matsuura, afirma na apresentação do relatório da UNESCO ¹:

As desigualdades não se expressam apenas entre países e grupos de países, mas também dentro de cada um, sobre tudo nos menos desenvolvidos (...), a desigualdade de oportunidade na educação potencia a pobreza, a fome e a mortalidade infantil e reduz as possibilidades de crescimento econômico.

Diante do exposto, faz-se necessário repensar as diferenças econômico-sociais. Isto porque acontece, não somente, entre blocos de países ricos e pobres, mas também nas relações do homem na sociedade. Dessa forma, um dos graves problemas que atinge grande contingente populacional, é a dificuldade de acesso à educação que proporciona um elevado índice de desigualdade social. Portanto, todas essas questões apresentadas contribuem para a redução do desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos.

¹ Analfabetismo no mundo atinge 776 milhões de adultos. Cultura e sociedade. Informações disponível em : <<http://www.radiovativano.or>> Acesso em: 09/02/2008

Em 2007, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgou que o Brasil teve um dos maiores índices de analfabetismo da América Latina. Com 14,1 milhões de analfabetos registrados, ocupa posição inferior aos países como a Bolívia, Suriname e Peru. Dos 22 países da América do Sul, o Brasil ocupa o 15º lugar em projeções de índices de analfabetismo. Na pesquisa em estudo, Cuba apresenta uma taxa de 0,2% de analfabetismo e Haiti 37,9% da população de 15 anos ou mais. Contudo, os problemas de leitura são mais visíveis entre as pessoas de mais idade: 90% dos analfabetos brasileiros têm mais de 25 anos. No ano de 2007, a população de quarenta anos ou mais, registrou 17% de analfabetismo.

Entre as cinco regiões do país, o Nordeste concentra a maior taxa de analfabetismo: 20%. As regiões Sul e Sudeste apresentam, respectivamente, 5,4% e 5,8%. Enquanto as regiões Norte e Centro-Oeste, os índices são de 10,9% e 8,1%. Ainda dentro desse contexto, pode-se notar que os indicadores de analfabetismo da zona rural são maiores que os da zona urbana: 23,3% contra 4,4%.²

Nota-se que, nos últimos anos, a leitura é uma exigência universal, isto porque as oportunidades de empregos não-qualificados estão cada vez mais escassas o que tem contribuído cada vez mais para o desemprego. Conforme Moraes (1996, p.21):

Os trabalhadores pouco qualificados são mais atingidos pelas supressões de emprego e pelo desemprego prolongado. Existe certamente uma tendência, muito marcada nos Estados Unidos, de recrutar centenas e centenas de indivíduos para cargos de vigia (o aumento da violência é uma consequência lógica da exclusão). Mas esse fenômeno apenas agrava o processo de discriminação social, e não permite bloquear o processo de marginalização de milhões de outros indivíduos.

As informações chamam a atenção para a importância da leitura na vida das pessoas, principalmente, no setor profissional. É notória, nos dias atuais, alta taxa de desemprego, isso leva a crer que a falta de escolaridade (leitura) influencia de forma negativa para baixa contratação de pessoal no mercado de trabalho. No entanto, os trabalhadores com menor nível de qualificação, estão destinados a permanecer em trabalhos informais ou até mesmo desempregados, o que traz consequências graves para a sociedade como a violência e o aumento da desigualdade social.

Atualmente, fala-se em crise de leitura e isto se dá devido à necessidade de formação e informação exigida pela sociedade globalizada que cresce cada vez mais. Nesse sentido, é comum encontrar alunos que apresentam problemas com a leitura desde o período pré-escolar até o nível universitário. Tal questão se atribui a vários fatores como: o desinteresse dos alunos pela atividade de leitura, carência de assistência familiar, falta de acompanhamento escolar, inexistência de biblioteca nas escolas públicas, a presença da mídia (internet, televisão e jogos). Assim, diante desse quadro, percebe-se cada vez mais essa situação se agravando, o que contribui para a diminuição do número de leitores.

Diz-se que a leitura é um problema social. E por isso, a população tem o direito de reivindicar que as autoridades viabilizem o desenvolvimento econômico, político e social do país. Conforme dados de pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil,” realizada entre novembro e dezembro de 2007, pelo Ibope Inteligência, sob responsabilidade do Instituto Pró-Livro, que teve como objetivo avaliar o hábito de leitura da população brasileira, com um contingente de 77 milhões de brasileiros, o que representa 45% da população que não possui hábito da leitura. Outro fato que influencia o baixo índice de leitura dos entrevistados é que, grande parte da população, preenche o tempo livre com programação da televisão e a leitura ocupa

² Informações retiradas da World Wide Web, disponível em:<<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,MUL798021-5598,00-ANALFABETISMO>> Acesso em: 14/01/2009.

lugar esquecido depois de ouvir música e descansar. A pesquisa traça o perfil dos brasileiros que não têm hábito de ler: são pessoas de classe social baixa, com pequeno nível de escolaridade, com renda familiar menor.³

De um modo geral, os entrevistados responderam que não lêem por falta de tempo (29%), não gostam de ler (27%), preferem outras atividades (16%), não têm dinheiro para comprar livros (7%), ausência de bibliotecas na cidade (4%), e não ter onde comprar livros (2%). O que se pode perceber, é que a falta de interesse é um dos maiores motivos para os baixos índices da leitura, juntamente com a falta do prazer pela mesma. Isso se dá devido não ter sido desenvolvido desde cedo esse prazer de ler através do incentivo da família ou da escola. Portanto, se houvesse maior estímulo à leitura, a própria pessoa encontraria uma forma de ter acesso a ela.

Apesar do baixo índice de leitura, o estudo mostra que houve progresso em relação à última pesquisa realizada em 2000. Antes, a população com mais de 15 anos lia 1,8 livros por ano; em 2007 essa taxa aumentou para 4,7, ao incluir a população acima de cinco anos nessa pesquisa. Entre os estudantes do ensino fundamental e médio o índice aumenta para 7,2. Já o público de 11 a 13 anos chega a ler 8,6 livros por ano. Vale apenas mencionar que dos 4,7 livros lidos anualmente, 3,4 são indicados pela escola e apenas 1,3 livros relacionam-se à leitura espontânea. O pequeno número de livros lidos, de forma espontânea, mostra que os alunos não lêem por prazer e sim por obrigação. Portanto, o quadro acima se explica pelo fato de que o nível de leitura aumenta ou diminui de acordo com a renda e a escolaridade.

1.1.2. Práticas de leitura

Observa-se que a leitura não se apresentou da mesma forma em todos os lugares. De fato, não é comum a definição desse termo na sociedade. Ler não significa apenas um processo cognitivo, mas envolve uma posição do corpo e transcorre dentro de um determinado espaço.

Toda prática de leitura tem uma história, pois, no Ocidente, essa atividade não foi praticada sempre da mesma maneira. Nesse sentido, diversas revoluções transformaram os costumes das pessoas em relação à leitura. De acordo com Cavallo e Chartier (1999, p. 26), há três revoluções da leitura:

A primeira “revolução da leitura” na Idade Moderna seria a passagem da leitura oral para a silenciosa, instaura uma relação mais livre e secreta com o escrito. A segunda é a sucessão da leitura intensiva para extensiva. [...]. A transmissão eletrônica dos textos e as maneiras de ler que se originam dessa modalidade de suporte apontam, atualmente a terceira revolução.

A primeira revolução, refere-se a passagem da leitura oral para a silenciosa. A leitura oral requer ouvinte e deve seguir algumas normas, como a realização do dialeto-padrão no nível formal. Esse tipo de leitura, desde muito tempo, vê-se ainda praticada nos conventos como ato de leitura pública. Já a leitura silenciosa é a mais freqüente entre as pessoas, respeitando ritmos individuais.

A segunda revolução mostra a diferença entre a leitura intensiva e extensiva. O leitor intensivo se envolve com pequena quantidade de livros, geralmente são repassados de geração para geração. O extensivo tem a leitura como hábito, interage com vários impressos e de

³ Informações retiradas do site do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária - CENPEC, disponível em: <http://www.cenpec.org.br> Acesso em: 25/08/2008.

forma rápida. A terceira revolução está diretamente ligada ao suporte eletrônico do computador. O que mostra a disposição do texto diferente para o leitor.

Ainda em relação às revoluções da leitura, convém mencionar que a leitura em voz alta era marcada pelo ritmo, entonação, pela performance para agradar seus ouvintes. Esse tipo de leitura, em épocas anteriores, servia para reunir toda a família e moradores num clima amistoso de fraternidade. Já a leitura silenciosa “permitiu inclusive leituras simultâneas e mais reflexivas, pois era possível consultar mais de um livro ao mesmo tempo e esperar o tempo para reflexão” (HORIKAWA, 2006, p. 47). Todo esse avanço contribuiu para que o leitor, ao mesmo tempo, pudesse ler e escrever, ligando-se ao códex, um tipo de papiro manuscrito e encadernado, usado a partir do século II d.C, nos documentos romanos.

Entre o período de 1750 a 1850, consolida-se, de fato, a leitura silenciosa de inúmeros textos, que são lidos em uma relação de intimidade, de maneira silenciosa e individual. Assim, na representação da leitura no século XVIII, predomina a intimidade entre o homem e o livro. Esse objeto tornou-se companheiro de solidão e também constitui elemento de decoração nas estantes de lares e nas bibliotecas particulares, por muito tempo, representou figura de um saber e poder.

Nas sociedades tradicionais destacam-se três períodos importantes em relação a leitura: o dos séculos IX a XI, quando os *scriptoria* monásticos deixaram os antigos hábitos da leitura e da cópia oralizada; o do século XIII, com a propagação da leitura silenciosa no meio universitário; e por fim, o da metade do século XIV, momento em que a nova maneira de ler atinge, tardiamente, as aristocracias laicas. Rapidamente, iniciou-se uma relação diferente com o livro, mais simples e ágil. Por meio de certas mudanças do manuscrito (separação das palavras), essa leitura, livre das severas decifrações orais, sugerem outras, que se multiplicaram anteriormente à invenção de Gutenberg, às relações entre os textos, e suas glosas, notas e índices. Antes da leitura oral, representada por pintores e iluminadores como uma atividade que movimenta todo o corpo, sucedem outras maneiras do ler, a do livro folheado e percorrido intimamente em uma relação individual.

Durante muito tempo, a diferença entre a leitura oral e silenciosa constituiu um longo processo, que pode ser entendido também como índice de distâncias socioculturais na sociedade já mencionada. De acordo com o texto teatral: a primeira cena de *La Cagnotte*, obra da autoria de Labiche, Colladan, “fazendeiro rico”, recebe uma carta de seu filho.

Colhadan, lendo: Meu caro pai, escrevo-lhe para contar que estão muito contentes comigo... obtive progressos... colocaram-me no estábulo.

Chambourcy: No estábulo... são detalhes de família... leia baixo.

Colladan: se leio alto, não é para você, é para mim... Todas as vezes que não leio alto..... não compreendo o que estou lendo.(continuando sua carta em voz alta) No estábulo....mas, por exemplo, não tenho sorte, tenho uma vaca doente.
(CHARTIER, 2001.p. 83)

Percebe-se, no texto, que os dois personagens, o fazendeiro e o camponês pertencem à classes sociais diferentes. Sendo que o primeiro, devido à sua condição financeira, tem acesso aos bens culturais, enquanto o outro não. Nesse instante, a leitura em voz alta, mostra-se como instrumento que mantém a desigualdade social entre os elementos.

É importante destacar que a história das práticas de leitura se desenvolve em três formas distintas, conforme as idéias de Pécora (2001):

A primeira dessas perspectivas, de matriz fundamentalmente histórica, pretende levantar maneiras de ler que já não ocorram sistematicamente no presente. [...] A segunda refere-se às “apropriações” do texto pelo leitor, [...] já a terceira trata fundamentalmente de observar ou descrever os múltiplos empregos do termo “leitura.”

As informações mostram que, ao estudar a história das práticas de leituras, faz-se necessário destacar três momentos importantes. O primeiro, de natureza histórica, diz respeito ao resgate dos modos de ler do passado, o que procura constituir um conjunto de atitudes antigas que já estão desgastadas no presente. O segundo refere-se aos sentidos descobertos pelo leitor no texto; todo texto deve ser analisado dentro de um contexto histórico, a fim de que se descubra o objetivo imposto por determinada leitura. O terceiro, restringe-se a eliminar a idéia do termo “leitura” ser empregado de forma homogênea, haja visto que é um processo que precisa de condições estruturais para se desenvolver e propiciar melhoria para a sociedade. Assim, é preciso que se faça uma análise da empregabilidade desse termo que, muitas vezes, pode indicar informação ou alienação.

Chartier (2001) ao estudar as atitudes antigas da prática de leitura, estabeleceu dois protocolos de leitura. O primeiro diz respeito aos elementos que o autor propaga pelo texto, a fim de assegurar uma correta interpretação. Também se destaca a figura do leitor ideal, a quem atribui a responsabilidade de decodificar a mensagem que o autor escreveu. Já o segundo protocolo, que atrai a atenção do autor, está relacionado à própria tipografia, geralmente, de responsabilidade do editor, de modo a favorecer a dimensão da leitura. Assim, ao analisar os protocolos de impressão, permite uma reflexão a respeito do suporte material para a sua permanência nas práticas, o que é confirmado por Pécora (2001, p.11), que afirma o seguinte: “Para Chartier, fazer a história das práticas de leitura inclui [...] o levantamento dos usos históricos do livro e das várias formas do impresso.”

Com isso, pode-se dizer que a leitura é uma atividade humana, que ao se desenvolver de acordo com as condições sócio-econômicas, define maneiras de ler que se convertem em práticas de leitura. Para Hérbrard (2001, p.37): “A leitura é uma arte de fazer que se herda mais do que se aprende”. Contudo, não se pode analisar tal prática levando em consideração apenas elementos no momento de sua realização; esta atividade é marcada por uma tradição histórica que, de uma forma ou de outra, exerce influência no processo de construção de sentidos. A atividade de leitura constitui-se, pois, a partir da composição entre elementos que já existem culturalmente na sociedade e outros que vão ganhando forma à medida que o processo se desenvolve. Goulemot (2001, p. 107) assegura: “Não creio [...] que exista leitura ingênua, quer dizer pré-cultural, longe de qualquer referência exterior a ela”. Desta forma, essa atividade não pode ser neutra, pois está inserida dentro de um contexto sócio-cultural do qual pode sofrer influência ao longo de todo o processo educacional. Então, na escola, são principalmente os modos de ler que se revelam. A leitura é um processo de produção de sentidos em que o texto participa mais como um conjunto de regras do que como pequena mensagem. Com isso, as dificuldades inseparáveis ao ato de ler se apóiam mais na condição cultural de cada leitor do que na da aprendizagem escolar.

Dentro desse contexto, o ato de ler trabalha com a noção de globalização e uma articulação aos sentidos que são produzidos pelas seqüências de fatos. É importante dizer que o mais relevante não é encontrar o sentido desejado pelo autor, e nem o sentido percebido pelo leitor. Portanto, ler é constituir e não reconstituir sentido. Concebe-se, assim, a leitura como o resultado de uma seqüência de situações interligadas ao texto. O que faz pensar em uma situação particular que se apóia no contexto sócio-econômico. A relação do leitor com o texto dá-se, principalmente, por meio da história, desde que se estude problemas de ordem políticos, culturais e sociais. Portanto, o sentido que se estabelece por uma leitura

historicamente datada, atribuído por um indivíduo que tem um futuro singular, parte de um contexto social, que vai além do sentido das palavras e construções de frases.

Para abordar a relação do homem com a palavra escrita, isto é, com a leitura, faz-se necessário destacar atitudes do corpo em relação ao ato da leitura. Conforme Goulemont (2001, p. 109):

Quando era criança, as senhoritas da escola privada onde fui educado nos falavam de uma atitude digna, respeitosa pra ler, levemente apoiado sobre a mesa, as costas retas, sendo o relaxamento denunciado como uma forma de desprezo pela cultura. Também é suficiente olhar uma fotografia de escrivanô tirada no fim do século passado para compreender (e ver) o que se entende fisicamente (e portanto, ideologicamente) por ler.

Existe em todo tipo de leitura uma posição do corpo correspondente a essa atividade. Ressalta-se buscar, nesse ponto, as representações do ato de ler, já que é o encontro do homem com o livro. Com isso, vale a pena refletir sobre a maneira como a escola vem trabalhando com essas representações, ao longo dos tempos, através das gerações. Assim, ao utilizar o livro como um estilo, será definida uma posição de leitura.

Note-se alguns elementos que também estão presentes na leitura do livro, como o contexto (ou fora-do-texto), que constitui uma história coletiva e pessoal, sendo que, em grande parte, o que se pode chamar de história pessoal está relacionada a uma narração cultural. Outro elemento importante é a história que determina mais as leituras de vida do ser humano do que suas opções políticas. Com base nisso, destaca-se uma história contemporânea, que trabalha o texto no momento exato da leitura. Existe ainda uma história mística, que se resume, em alguns fatos importantes herdados pelo homem ao longo de sua vida. No entanto, essa história faz parte, não apenas do ato de ler como também da escrita. Destaca-se também a importância da biblioteca nesse processo, já que leitura é a troca de informações do livro com outros livros. O que mostra assim, o dialogismo e a intertextualidade na visão de Bakhtin e Goulemot (2001).

O livro, ao ser lido, ganha sentido através de outras leituras feitas anteriormente, o que se pode chamar de exterior cultural (informações culturais que contribuem para a ampliação dessa leitura) e também da leitura do próprio texto em questão. Nessa visão, “A leitura é jogo de espelhos, avanço espetacular. Reencontramos ao ler, todo o saber anterior- saber fixado, institucionalizado, saber móvel, vestígios e migalhas – trabalha o texto oferecido à decifração”. (GOULEMOT, 2001, p.115). Em toda leitura, não existem sentidos isolados, é necessário auxílio de outras leituras.

Na opinião de muitos estudiosos da leitura, a falta de imposição de sentidos, não quer dizer que o texto seja neutro, que não estabeleça nenhuma intenção de motivar o leitor. Conforme Bourdieu (2001, p. 235).

Os textos contêm na sua mensagem informações sobre o seu modo de usar e indicações do público a ser atingido. A extensão do texto, dividido em parágrafos curtos e longos, demonstra claramente a intenção do texto em revelar a desigualdade social, já que um texto de parágrafos longos está direcionado a um público selecionado e os de períodos curtos para o popular. Outro elemento importante nessa discussão é a grafia e a forma de sublinhar as palavras. Assim, através de maneiras de ler o texto é possível descobrir o que se quer que o leitor faça no texto, ou seja, a intenção subjacente do texto.

Em relação à história da leitura, em especial, os estudiosos (CHARTIER, 1999; 2001; HERBRAD, 2001; GOULEMOT, 2001; BOURDIEU, 2001, entre outros) têm procurado fazer uma análise da história dos impressos e, especificamente, a do livro, como também, a história dos leitores, através de fontes autobiográficas, para relacioná-las às práticas já estabelecidas. Como enfatiza Abreu (Apud HORIKAWA, 2006, p.46) sobre esse assunto:

O repúdio ou o estímulo à leitura só podem ser compreendidos se forem examinados os objetos que se tomam para ler e sua relação com questões políticas, estéticas, morais ou religiosas nos diferentes tempos e lugares em que homens e mulheres, sozinhos ou acompanhados, debruçaram-se sobre textos escritos. A leitura não é prática neutra. Ela é campo de disputa, é espaço de poder.

O estudo da prática da leitura, ao longo dos tempos, reporta-se através da história como forma de entendimento dessa questão. É importante destacar que, no início da Idade Média, precisamente até o século XV, o livro servia a uma pequena elite de sábios e estudiosos que formavam os grupos dos intelectuais (enclausurados nos mosteiros) e que tinham acesso às bibliotecas. Por outro lado, grandes números de pessoas eram excluídas do processo cultural da sociedade, o que levava às diferenças sociais. Desta forma, a leitura é uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos imersos por uma intencionalidade. Cabe lembrar Machado (2001, p. 19), “[...] que a atividade de leitura não nasce já inscrita em determinado texto, pois há grande distância entre os sentidos atribuídos a um texto pelo seu autor, pelo editor, pelo crítico e pela interpretação que o leitor faz dele.” Nesse momento, é necessário que se estabeleça um encontro entre o universo do leitor e o universo do texto, devido ao fato de que cada leitor lê um único texto de modos variados. Além do mais, cada período da história revela processos de interpretação diferentes. Antes de ler um texto, é importante que o leitor o localize no tempo e espaço. Portanto, esse mecanismo viabilizará uma melhor interpretação do texto lido.

Ao se tratar de suporte como o jornal, a revista ou um livro, o texto só tem significação por meio de seus leitores; com a presença deles o texto se modifica, organiza-se segundo códigos de percepção. Todo texto só se torna texto, em sua relação com a exterioridade do leitor. Contudo, considera-se que as formas apresentam sentido, e que um texto se cobre de uma significação e de regras inéditas quando mudam os suportes que o determinam à leitura. A história das práticas de leitura é, precisamente, uma história dos objetos inscritos e das palavras lidas. Ainda na visão de Machado (2001, p. 20): “Todos aqueles que podem ler os textos não os lêem da mesma forma, há aqueles que possuem mais competência de leitura e há os leitores menos hábeis”. A leitura, muitas vezes, constitui-se numa atividade que transparece diferenças entre as pessoas na sociedade. Isso porque é um problema, não apenas, político, mas também cultural e social. Corroborando com essa idéia, afirma Silva (1996 p. 37-38):

Dada as condições do desenvolvimento histórico e cultural do país, a leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, sempre se restringiu a uma minoria de indivíduos que teve acesso à educação e, portanto o livro. A grande massa da população, sem condições para estudar, sempre aderiu aos meios diretos de comunicação, que não exigem educação formal para sua recepção. [...] o lazer proporcionado pela leitura fica restrito àqueles que tiveram e que têm acesso à escola de forma privilegiada, [...] e como este tipo de escola não é constituído para o povo em geral, a leitura torna-se um bem ou um privilégio a ser desfrutado somente pelas elites.

Questões econômicas, como a inflação e o elevado custo de vida, influenciam de forma negativa o desenvolvimento da leitura de grande parte da população brasileira. Dentro desse contexto educacional, especificamente, o livro, e porque não dizer a leitura, representam instrumentos de desigualdade entre os indivíduos no meio social. Portanto, é necessário que seja prevista pelas autoridades governamentais uma política de acesso às informações, através dos livros, revistas e outros suportes, com objetivo de discutir a leitura como elemento de libertação do homem, intimamente relacionada às questões sociais, culturais e econômicas.

Sabe-se que a instituição escola tem grande responsabilidade na disseminação do conhecimento. Nesse processo de atualização de informações, impreterivelmente, a leitura representa papel importante nessa instituição. Por outro lado, é necessário que se analisem as condições sócio-econômicas e as maneiras como a leitura está sendo trabalhada no ambiente escolar. Assim, de modo geral, a leitura nas escolas brasileiras transcorre num clima de apatia, não mantendo nenhuma ligação com a experiência de vida dos alunos. O que caracteriza um ensino livresco (regras gramaticais desligadas do texto) e autoritário em que a figura do livro e do professor representam não sabedoria, mas concentração de poder. De acordo com Freire (1996, p.25): “O ensino bancário, deforma a necessária criatividade do educando.” Dessa forma, esse tipo de ensino passa a se preocupar com a memorização de conteúdo incentivando a passividade do aluno, ao invés do cultivo da criatividade. Um problema que está latente na área de leitura é o simples fato de muitos profissionais não terem uma concepção de leitura bem definida, ocasionado vários problemas na escolha e na aplicabilidade de atividades em sala de aula. Diante de tudo isso, é interessante que sejam discutidas as práticas de leitura empregadas no ambiente escolar, a fim de que elas adquiram um caráter libertador e participativo. Freire (1996, p.26) diz que, “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção do saber ensinado, ao lado do educador.” Nesse processo de aprendizagem, o aluno é um ser ativo que interage com o conhecimento, a fim de construir relações concretas com o mundo que o cerca.

Ressalta-se que a leitura é uma atividade que faz parte diariamente das relações interpessoais, presentes em empresas, instituições e demais espaços sociais. Diante disso, seria essencial que a escola se preocupasse mais com este tipo de aprendizado. Na visão de Cagliari (1994, p.148):

O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. [...] A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior que qualquer diploma

As considerações, acima, mostram a importância da leitura na vida em sociedade. Por isso, a prática de leitura que o aluno passa a adquirir através da escola, só terá sentido, se o educando enriquecer-se por meio desta, sendo capaz não apenas da boa desenvoltura com o ato de ler, mas também de participar daquilo que lê, analisando o conteúdo da mensagem lida. É preciso conduzir o aluno a uma leitura criativa que possa desenvolver seu poder de criticidade diante de situações do cotidiano. Esse tipo de leitura visa à formação de um sujeito ativo e não mais passivo.

De acordo com as idéias de Cagliari (1994, p.148): “A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação, é decorrente de leitura”. Percebe-se que, no contexto escolar, o ensino de leitura constitui-se algo de grande dificuldade. Uma vez que as situações de leituras, na grande maioria, não têm nenhuma ligação com a vida dos alunos, resultando num processo de pouca motivação. Com

isso, os alunos enfrentam vários problemas relacionados à interpretação de textos, o que marca toda sua trajetória estudantil dentro e fora da escola. Portanto, é importante dizer que não existe apenas uma maneira de ler; mas diferentes práticas ligadas ao ambiente escolar, onde a leitura é vivenciada. Diante de todas essas questões já apresentadas, o que importa para a história da leitura não é definição de leitura, mas o lugar e as condições de seu desenvolvimento.

Cabe a essa concepção sócio-histórica da leitura permanecer integrada com as discussões que as teorias do discurso vêm tecendo sobre essa atividade. Essas teorias fazem uso da leitura como prática social e entendem o texto como uma variedade de sentidos a ser revelado por diferentes leitores e em variadas situações de diálogo com o documento lido. Conforme as idéias de Geraldi (Apud HORIKAWA, 2006, p. 60):

O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Não são mãos amarradas – se o fossem, a leitura seria reconhecimento de sentidos e não produção de sentidos.

Diante dessas informações, a leitura se apresenta não como recriação, mas como produção de sentidos, onde estão envolvidos aspectos sócio-históricos e também a significação. A leitura envolve o homem, mediante sua condição de sujeito sócio-histórico, ao mesmo tempo em que este é influenciado por toda a herança de práticas de leitura que se recebe na escola e, à proporção que se exercita, podendo assim, instituir nova forma de ler que surge da união entre um saber já adquirido e aquela leitura que vem do contexto em que está inserido. Desta forma, é necessário que se observe a leitura interpretativa do leitor, analisando as questões históricas, sociais e subjetivas.

1.2. A Presença do Leitor

A imagem do leitor de texto impresso, tem sua origem na Europa, no século XVI, a partir do momento em que o livro adquire forma diferente, impresso em vez de artesanal, o que contribui para a socialização da leitura na sociedade. Segundo Max Weber (2002, p. 9):

O desenvolvimento do sistema de impressão de Gutenberg, na Europa conseguiu dinamizar a fabricação de livros, imprimindo, em cinquenta anos, cerca de vinte milhões de exemplares para uma população de quase cem milhões de habitantes, cuja maioria era analfabeta. Para a época, isso significou enorme revolução, demonstrando que a imprensa só se tornou uma realidade diante da necessidade social de ler mais.

Percebe-se que o número de leitores não aumentou na mesma proporção que o crescimento demográfico mundial. Somente com as transformações socioculturais e econômicas do século XIX, momento em que o livro começou a ser utilizado também como meio dessas transformações, e o saber passou a exprimir conquista para parcelas mais amplas da população. Aumentou o número de leitores na França e na Inglaterra, onde alguns editores passaram a produzir obras de autores renomados, a preços baixos.

No Brasil, a divulgação dos textos impressos enfrenta várias dificuldades: a proibição de textos franceses pelo governo português, elevada taxa de analfabetismo entre a maioria da população urbana, devido à existência da escravidão; a carência de livrarias em vários lugares,

até mesmo no Rio de Janeiro. Assim, todos esses episódios prejudicaram o acesso aos escritos no país.⁴

1.2.1. Definição de leitor

Diz-se que leitor é um ser que dá voz e vida ao texto, buscando perguntas e respostas provisórias, que atraem sua atenção. Para tanto, é necessário que o escritor através de sua obra cative o público- leitor. Para Lajolo (2006 p. 33-34):

Quem quer que já tenha algum dia rabiscado mal traçadas, coloca-se no papel de alguém que tem de cativar seus leitores. O aluno obrigado a escrever uma redação que lhe garanta nota mínima na prova, ao festejado autor de best-sellers milionários, o trazer ou não a chave é senha para cativar leitores: tanto o professor que encomenda a redação quanto o público que deve consumir o romance, ambos precisam encontrar, no texto que lêem, o que nele foram buscar.: se encontrarem mais do que esperavam, melhor para eles; se encontrarem menos, pior para o autor que pode ter perdido, no desencanto do desencontro, seu precioso leitor.

Com base no texto, tanto o leitor quanto o escritor dependem um do outro; o primeiro precisa do empolgamento da leitura, escrita pelo escritor, para continuar leitor e não consumidor de livros. Enquanto o segundo, deve usar a palavra com o objetivo de atrair o leitor para o entendimento de sua própria realidade. Assim, a relação entre leitor e escritor precisa ser amistosa para o contínuo hábito de ler.

Em outras palavras, o bom leitor é aquele que decifra e busca conclusões a respeito das idéias apresentadas pelo escritor no texto, lançando mão do vocabulário, do uso da significação das palavras (sentido conotativo e denotativo), a fim de organizar corretamente o seu próprio texto. De acordo com Zilberman (1987): “É a posse dos códigos de leitura que muda o status da criança e a integra num universo maior de signos, o que nem a simples audição, nem o deciframento das imagens visuais permitem.”

Para que alguém se torne leitor, de fato, parece necessário que haja uma experiência de prazer e significação subjetiva do texto que, em algum momento da vida, certo texto corresponda a uma necessidade, uma experiência vivida. Segundo Luzia de Maria (2002, p.54): “Uma pessoa que começa a ler, que se dedica aos primeiros livros de sua vida, começa a dialogar com os textos [...] instaura um desejo de conquista sempre maior. Uma fome de saber”. Assim, é preciso que, no ato de ler se estabeleça um diálogo entre texto e leitor.

No processo da leitura, destacam-se, pelo menos, três elementos mais abrangentes: o autor, o texto e o leitor. De fato, o autor do texto é determinado pela relação atribuída a seu contexto histórico e social, à sua vida, às suas obras etc. Por outro lado, encontra-se o leitor do texto com seus objetivos, conhecimentos e expectativas. Entre os dois, consta o texto: produto de atividade lingüística material, sobre o qual o leitor executa sua atividade.

Outro fato interessante é destacar a existência do leitor correlacionado com o escritor, pois o texto só tem sentido, quando um leitor se dispõe a revelar os segredos do mesmo. A leitura e escrita inserida no texto, cria uma relação de comunicação entre escritor e leitor, o que visa a formação de sentido do texto. Desta forma, não se pode dizer que ler se resume em apenas reconhecer o código lingüístico e compreendê-lo.

⁴FERREIRA Maria Tavares Bessone da Cruz. Arquivo nacional e a história luso-brasileira. Disponível em: <<http://www.historianacional.arquivonacional.gov/BR>>. Acesso em 12/10/2008.

Cabe lembrar que a leitura como prática sociocultural e construção de relacionamento, do sujeito com outros, envolve a produção de sentidos. Assim, o leitor passará a reconhecer o sistema, confrontando seu discurso ao do texto. Conforme Bakhtin (Apud ANTUNES, 2008):

Signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo. O essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-lo num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. Em suma, trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma. Em outros termos, o receptor pertence a mesma comunidade lingüística, também considera a forma lingüística utilizada como um signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo.

A leitura é, antes de tudo, compreensão, significa refletir e aguça informações relacionadas ao mundo do leitor. O ato de ler não existe em ações isoladas, nem lineares, mas em consequência de ações, sentimentos e conhecimentos armazenados por parte do leitor.

Pode-se dizer que o texto apresenta vários sentidos para as palavras que o compõem. É de responsabilidade do leitor compreender, transformar por meio de seu discurso e de suas experiências socioculturais, o sentido do texto que, às vezes, não corresponde ao do escrito. Para Orlandi (1998, p.12): “Ler é saber que o sentido pode ser outro”. Também se observa que o escritor, ao concretizar sua obra, já tem um público destinado, ao qual transmite sua ideologia. “Há um leitor virtual inscrito no texto. Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita [...], trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige.” (ORLANDI, 1998, p.9).

1.2.2. A Família e a formação do leitor

A formação do leitor tem início no âmbito familiar e na escola. No primeiro momento, atenta-se para as contribuições da família na formação do indivíduo. Esta representa uma das instituições mais antigas formadas pelo homem; sendo que na família, começa a formação de valores religiosos, éticos e os de conduta, essenciais à sua formação.⁵

Assim, ao longo dos tempos, a família constituiu-se em instituição de troca de experiências; sendo que o gosto pela leitura se intensifica nesse ambiente familiar. O prazer pela leitura se desenvolve em atividade adequada dentro do lar. De acordo com Xavier, Ribeiro e Noronha (1994 p. 74): “[...] a educação, no Período Imperial, constituía-se tarefa própria da família.” Ficando a instrução, em primeiro momento, destinada aos cuidados dos pais.

Atualmente, usa-se a leitura em diversos lugares e com diversas finalidades: no trabalho, na escola, no lazer ou no lar. A leitura praticada no lar, muitas vezes, se restringe ao lazer; ao passo que em outros locais formais, representa meio de obtenção de informações tecnicamente organizadas. Conforme Tomé (2003, p. 18). “o tipo de leitura é direcionado em função dos objetivos de cada leitor”. Desta forma, a leitura pode ser discutida como forma de aquisição de conhecimentos ou forma de descontração e lazer.

Sabe-se que a formação do leitor perpassa pelo ambiente familiar e se desenvolve a longo prazo, destacando a presença de vários profissionais, a saber: bibliotecários, professores, entre outros. A leitura possibilitará ao homem oportunidades de se divertir, educar e instruir. Nesse sentido, nota-se a necessidade de se fazer distinção entre a figura do leitor e do “ledor”. Sendo que o leitor deve ser entendido como aquele que mantém uma estreita

⁵VIEIRA, Letícia Alves. **Formação do Leitor: a família em questão**. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/308.pdf>> Acesso em: 09/12/2008.

relação com a linguagem e as suas significações. Já o “ledor”, é aquele que se relaciona de forma mecânica com o texto. Na visão de Carvalho e Mendonça (2006, p. 91):

O ledor prefigura aquele ser passivo, imobilizado, que pouco ou nada acrescenta ao ato de ler. O texto para o ledor não tem aberturas, porque ele decifra mecanicamente os seus sinais. Não há mistério, nem criação. A leitura é definitiva. O leitor, no entanto, é móvel e tem um olhar indefinido, errante e criativo sobre o texto, que se permite ler em suas linhas e entre linhas, desvelando seus sinais visuais e invisíveis. Isto só ocorre quando se dá o pacto entre o texto e o leitor

As considerações, acima, levam a crer que a leitura constitui algo mais que decifrações de códigos. O ato de ler promove constante relacionamento do leitor consigo mesmo e com o outro. Portanto, a leitura deixa de ser um a prática mecânica e passa a ser ato de construção, no momento que propicia uma ligação entre o mundo do leitor e o mundo do texto.

Dentro do universo da significação do ato de ler, diz Paulo Freire (2006, p. 11) que: “A leitura de mundo precede a leitura da palavra”, no entanto, a leitura da palavra prolonga e desenvolve a leitura do mundo, potencializando o sujeito a realizar releituras de suas práticas e a ressignificar sua forma de ver e de atuar no contexto sócio-histórico em que se encontra. Vale lembrar a necessidade de que os conhecimentos prévios do leitor devem ser levados em consideração, para que este organize o sentido da mensagem transmitida através de qualquer suporte: livro, revista, jornal e até os meios de comunicação de mídias.

Cabe destacar a importância de se cultivar, desde a infância, a iniciação da leitura em meio às famílias. Esse período, marcado por contato afetivo entre pais e filhos, quer seja nas cantigas de ninar, cantigas de roda, adivinhações, estórias e lendas contadas por pessoas mais velhas, a criança vai construindo significações do seu mundo através da criatividade e imaginação. Para Palo e Oliveira (2006, p. 9):

Contar histórias para as crianças sempre expressou um ato de linguagem de representação simbólica do real direcionado para a aquisição de modelos lingüísticos. O trabalho com tais signos remete ao texto para alguma coisa fora dele, de modo a resgatar dados de um real verossímil para o leitor infantil.

A literatura infantil, através da “contação” de histórias, tem por objetivo levar a criança a penetrar em um mundo encantado, cheio ou não de mistérios. Procura a partir do texto, trabalhar a correlação com o mundo real, fortalecendo a interação da criança com o texto, no desenvolvimento da linguagem.

Além dessas práticas de iniciação à leitura, faz-se necessário à família, criar outras oportunidades de contato das crianças com livros e revistas, quer seja para folheá-los ou até mesmo lê-los, através de gravuras. Essas pequenas atitudes, acrescida da frequência das crianças em livrarias, feiras de livros e bibliotecas, contribuem para o resgate da figura do leitor, uma vez que o homem se constitui enquanto ser social por meio de interações com o outro. Nesse meio, a família desempenha um importante papel de agência mediadora dessas experiências. A infância consiste em um momento especial da vida do homem, pois é a fase em que a criança internaliza diversos princípios e práticas do meio que frequenta, ocasionando interferência no seu mundo, ou seja, na sua personalidade. Neste momento, a família desempenha importante papel na formação do sujeito, não só no padrão de comportamentos, mas na iniciação da leitura. Conforme Lajolo (2006, p. 25-26):

É possível, por exemplo, reconhecer o processo pelo qual se inventou a infância como categoria social, usando de suas diferenças biofisiopsicológicas para atribuir [...] modos de ser mais compatíveis com aquilo que a sociedade estava preparada para oferecer-lhe e, ao mesmo tempo esperava dele.

Pode-se dizer que a palavra infância existe há muito tempo, mas o seu entendimento, enquanto categoria e construção social, data dos séculos XVII e XVIII. Assim, a definição dessa palavra se restringe à incapacidade da criança em relação aos mais velhos, sendo submetida à condição de dependência perante os adultos. Com o passar dos tempos, a criança vai alcançando novos papéis na sociedade. “Entre os novos papéis que ajudaram a atribuir identidade à infância, destaca-se o de aprendiz” (LAJOLO, 2006, p.26). A aprendizagem da criança não se limita somente à família; vai mais além, chegando até a escola. Conforme a autora: “[...] reunidos coletivamente em espaços sociais denominados escolas, desenvolveria aprendizagem mais diferenciados do que aquela adquirida com os antigos mestres ou famílias”(Lajolo, 2006,26).

Contudo, não se pode responsabilizar a família pela iniciação da criança na leitura. Uma vez que, a grande maioria das famílias não dispõe de ambiente propício para tal atividade e isso se dá devido a alguns fatores: os pais em sua maioria vivem em locais inadequados marcados por péssimas condições físicas, há a carência de livros e muitos deles são semi-analfabetos, não apresentando condições de acompanhar os filhos nas tarefas escolares, o que não oferece ambiente propício para a leitura. Segundo Silva (2005, p.51):

Para o processo de formação de leitores [...] pouco ou nada se pode fazer; se os pais não forem leitores, se não houver livros na casa do aluno[...]. Entretanto, considerando que os lares brasileiros não são materialmente semelhantes e, portanto, que as crianças não têm as mesmas oportunidades de educação familiar, não podemos repassar às famílias uma função que elas não têm condições concretas de exercer.

De acordo com exposto, vários fatores podem influenciar negativamente na formação do leitor como: a carência de suporte material (livros) nas famílias e o fato da criança não ter exemplo de leitores no seu convívio diário. Observa-se que os problemas apresentados são de natureza econômico-social, o que deixa transparecer certo grau de desigualdade durante a aprendizagem de leitura entre crianças brasileiras.

1.2.3. A escola e a formação do leitor

Assim, a formação do leitor também se constitui responsabilidade da escola. Uma vez que, em época anterior, a transmissão de conhecimentos acontecia em contato direto entre as crianças e os pais por meio da socialização. Neste sentido, a aprendizagem se desenvolvia em atividades práticas que abrangem desde o trabalho até alguma atividade de recreação. De acordo com Luiza de Maria (2002, p. 30-31): “Na época medieval, a aprendizagem de viver era um legado passado de pais a filhos [...] adultos e crianças conviviam em permanente interação, alinhando-se lado a lado em situação de trabalho ou nos jogos diários”.

A partir do surgimento de uma nova ordem social, no fim do século XVII, faz-se notar a necessidade de algumas mudanças em relação à estrutura educacional vigente. Dentro desse contexto, surge a instituição escola, e estabelece-se de maneira estruturada a educação para as crianças, a fim de que possam ter domínio da leitura e escrita, como um dos pré-requisitos essenciais da vida adulta.

O surgimento da escola atual está vinculado ao sentimento de proteção do adulto para com a criança. Nota-se que a instituição escola traz em sua estrutura traços marcados de rígida disciplina; data do seu surgimento sob influência dos sacerdotes no século XVII. Constituindo assim “regime que resultou nos séculos XVIII e XIX, enclausuramento do internato, submetendo a criança a normas disciplinares cada vez mais rigorosas” (MARIA, 2002, p.32)

Com base no que foi dito anteriormente, chama-se a atenção para o ato de ler nas escolas, sendo que um dos pontos a ser destacados são as condições existentes e as formas pelas quais acontece essa prática. Dessa forma, a leitura passa a ser apresentada em sala de aula através de livros com textos pré-determinados que não despertam o senso crítico dos jovens. Para Silva (2005, P.3- 4):

O caráter estritamente livresco do ensino e as formas autoritárias através das quais os livros são apresentados em sala de aula tendem a contribuir para com a docilização dos estudantes, gerando a falsa crença do que tudo que está escrito ou impresso é necessariamente verdadeiro. Decorre daí a obediência cega aos referenciais colocados nos livros e a reprodução mecânica das idéias captadas pela leitura. Nesse caso, os processos de memorização de conteúdos pré-fixados – que são determinados pelos textos e reforçados pelos professores - tomam lugar do conhecimento, do questionamento, da discussão e críticas das idéias. Veiculadas, impedindo que o aluno – leitor se torne sujeito do trabalho que ele executa.

Diante dessas considerações, observa-se que a figura do livro tem sido constante na disseminação do conhecimento nas escolas. Por outro lado, é interessante a reflexão do ensino que destaca como principal suporte o livro didático. Este inclui na sua estrutura, não apenas as matérias, mas valores morais que proporcionam o comportamento passivo das crianças e jovens em relação às situações do cotidiano. Portanto, formam-se leitores mecânicos, que fazem do ato de ler uma prática obrigatória e enfadonha.

Dentro desse contexto, ressalta-se a grande dependência entre literatura infantil e escola, uma vez que a escola precisa da literatura infantil para transmitir através de seus textos: conselhos, sentimentos, atitudes e comportamentos impostos a um determinado público. Em contrapartida, a literatura sempre encontrará destaque no ambiente escolar, quer seja como lição obrigatória, ou como complemento de atividade pedagógica. Assim, os livros infantis aparecem de forma conservadora. De acordo com Lajolo (2006, p. 66-67):

A escola mais antiga contava com as poesias de Bilac para estimular civismo, amor aos estudos e respeito aos mais velhos, o príncipe dos poetas e seus companheiros de ofício podiam contar (e realmente contaram) com a escola para, adotando seus livros, garantir um nada desprezível mercado para obras infantis.

Com a situação problemática da família, a escola representa a única maneira que as crianças têm de penetrar no mundo da leitura. Nesse momento, atenta-se para o autoritarismo que recai sobre esse ambiente. Diante disso, o ato de ler passa a ser compreendido como uma tarefa e não como fonte de prazer.

Outro fato interessante que vale ser destacado é que toda criança, ao chegar à escola, traz consigo um processo de aprendizagem iniciado. A educação formal, no ambiente escolar, representa uma separação dos conhecimentos que a criança carrega do seu envolvimento com o seu meio. Em face disso, a escola é capaz de modificar e modelar a leitura, criando novos modos de lidar com ela. Para Bourdieu (2001, p. 241):

A uma espécie de necessidade de leitura que, de certa maneira, a escola destrói para criar outra, de uma forma. Há um efeito de erradicação da necessidade de leitura como informação: aquele que toma o livro como depositário de segredos, de segredos mágicos, climáticos [...]. Penso que o sistema escolar desencoraja essa expectativa e, de uma vez, destrói uma certa forma de leitura

A escola, ao longo dos tempos, tem desempenhado um tipo de leitura que, muitas vezes, acaba se constituindo em desagradável exercício de coerção devido ao seu caráter instrumental.

Nesse momento, a escola precisa valorizar a experiência de cada um, respeitando modos de viver, línguas e culturas. Essa prática deve ser empregada, não para que se perpetue a injustiça social, mas para que sejam oferecidas, às crianças carentes, as oportunidades que elas não tiveram. Só assim, a escola deixará de ser lugar de exclusão e se constituirá em ambiente de formação de leitores, onde o indivíduo estabelece relação com a linguagem, com as significações e experimente o gosto pela leitura.

Ao reconhecer que cabe à escola preparar um ambiente propício de atuação da leitura, que se produz como atividade escolar, é necessário que essa instituição se torne menos autoritária e desperte para o surgimento de uma nova realidade que se impõe diante de um mundo globalizado. Conforme a observação de Chartier e Hébrard (Apud ROCCO, 2008)⁶ que chama a atenção para o fato de que “em nossa modernidade houve uma sensível mudança dos próprios loci da leitura. Se antes se lia, talvez mais, só na escola ou no espaço privado do quarto, observa-se hoje, porém, que o exercício de ler ocorre menos na escola, na casa e mais nos lugares públicos.” Assim, longe do caráter coercitivo do ambiente escolar, presencia-se a atividade de leitura em vários lugares públicos: lê-se nas filhas de bancos, bancas de jornais e revistas. Esse tipo de leitura é feita através de materiais diversos e por diferentes classes sociais, o que transparece o gosto pela leitura.

Observa-se que a melhoria das condições para que se desenvolva a educação formal e, conseqüentemente, para o crescimento da leitura no âmbito escolar vai estar subordinado a uma reflexão crítica da ideologia no setor do magistério. Atualmente, a grande maioria dos professores, acredita na falsa idéia de que as coisas sempre foram assim e nunca mudarão. Acreditar nessa ideologia é perder a esperança e a dignidade. Professores e alunos precisam ler, pois a leitura é um dos elementos da educação que necessita de busca constante de conhecimentos. Com isso, diz-se que o ingresso dos alunos no universo da escrita está vinculado às condições materiais e às situações significativas na escola.

Um fato que precisa ser revisto por educadores, dentro desse contexto, são os programas governamentais de distribuição de livros na escola. Estes devem ser analisados por educadores, de forma crítica e minuciosa. Muitas vezes, a escola apresenta várias dificuldades no desenvolvimento da leitura: carência de pessoal qualificado para atuar na biblioteca, espaço para sala da biblioteca, material impresso e outros recursos utilizados para esse fim. Para Silva (2005, p. 20):

Os professores precisam ficar bastante atentos ao paternalismo que vem se fazendo presente na área de leitura escolar. Quer dizer: os programas nacionais de distribuição gratuita de livros para as escolas não podem fugir uma análise por parte dos trabalhadores da educação.

⁶ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto.** Disponível em: <http://www.crmariocorvas.sp.gov.br/lei_a.php?=002> Acesso em 30/10/2008.

Diante dessas dificuldades apresentadas, é bom lembrar que não se forma leitor se as condições sociais e escolares, subtendidas à leitura, não forem observadas e modificadas. A partir daí surge a necessidade de uma política de leitura para a população brasileira e para a escola, partindo das reais condições para realização dessa prática. Com base nisso, a leitura deve ser entendida como prática social que se desenvolve nas experiências de mundo do ser humano; essa aprendizagem tem início formal na escola, mas não deve ficar restrita aos limites do ambiente escolar. Sendo possível distinguir o ato de ler como tarefa escolar do ato de ler como compreensão do contexto social.

Encontra-se, ainda, como dificuldade no desenvolvimento da leitura na escola, as péssimas condições de produção de leitura dos docentes, conforme as palavras de Silva (2005, p. 22):

Sem professores que leiam que gostem de livros, que sintam prazer na leitura, muito dificilmente modificaremos a paisagem atual da leitura escolar. Mesmo com o preenchimento de todos os quesitos ideais para efetivação da leitura na escola, sem a presença de professores devidamente instrumentalizados em comunicação escrita, não existirá a mínima possibilidade de transformação e avanço.

Constata-se que um dos principais pré-requisitos na formação do leitor está na formação do professor, pois é impossível empolgar os jovens pela leitura se o professor não tem afinidade com a mesma. Toda leitura precisa de envolvimento do instrutor para que conquiste o receptor, ou seja, o leitor. Sendo que o envolvimento do educador com o mundo da leitura é algo que precisa ser construído no dia a dia da prática escolar.

Além da melhoria das condições de leitura do professor, outro fato importante que se deve destacar, está na renovação da metodologia desse profissional, na formação do aluno leitor em sala de aula. Para que isso se efetue de modo significativo, é necessário que haja reformulação de atividades visando tornar as atividades de leitura mais significativas a partir de diversificação das práticas escolares, mas visando, também, o universo social dos educandos e dos educadores. Professores e alunos devem estar em sintonia, estabelecendo um diálogo constante entre si e buscando dinamizar essa prática, tornando-a menos mecânica e mais produtiva. Conforme Lajolo (2006, p.73): “É nesse diálogo que as atividades de leitura adquirem sentido e podem, agora, sim, tornar-se práticas significativas”.

Esse redimensionamento é fundamental para que a leitura cumpra com o seu papel de formar e informar, situando o aluno no seu meio e na sua realidade sócio-cultural. Em meio a todas essas questões, é interessante que os educadores saibam que tipo de leitor querem formar. Assim, destaca-se a necessidade da leitura que proponha ao leitor situações de aprendizagem visando um caráter político do ato de ler. De acordo com Luzia de Maria (2002, p.51):

É necessária uma concepção de leitura que nasce no horizonte de um compromisso político: uma leitura que não apenas ofereça respostas ao homem sobre sua própria realidade, mas que também instigue-o a colocar-se questões e o instrumente na busca de respostas e soluções; uma leitura que desinstale o homem da placidez e da acomodação e ao mesmo tempo seja capaz de torná-lo melhor. Melhor com os outros, em sua relação com o meio, em sua relação consigo mesmo.

A leitura crítica possibilita ao leitor não apenas decodificação de código, mas permite que o mesmo tenha capacidade de agir e interagir na realidade em que vive fazendo uso de seus direitos e deveres quando for necessário. Dessa forma, o ato de ler vai mais além do que simples prazer constitui-se em reflexão do homem enquanto ser pensante, histórico e social. De fato, a responsabilidade pela formação do leitor crítico compete ao educador que tem essas

mesmas características, não constituindo tarefa do professor que não tem esse perfil do professor leitor.

Diante disso, o leitor pode ser destacado como elemento essencial no processo de leitura e na interação leitor-texto, podendo estar presente em atividades de outras disciplinas diferentes da Língua Portuguesa. Portanto, essa atitude concebe um ensino mais abrangente baseado no desenvolvimento da crítica e da reflexão do estudante nas demais áreas de conhecimento. Também se observa que a leitura pode se manifestar como necessidade, despertando no jovem o prazer para que ele aprenda muito mais do que desenvolver competências leitoras no espaço escolar e fora deste. Para Veliago (Apud SANTOS, 2008):⁷ “A prática da leitura na escola precisa se assemelhar à prática da leitura fora da escola.” Assim, faz-se necessário repensar o tipo de leitura que a escola está oferecendo aos seus alunos; na maioria das vezes, essa atividade se limita a responder questões pouco interessantes do livro didático. Enquanto a leitura fora da escola quase sempre ocorre em lugares sociais e transpõe a satisfação.

Diante disso, inicia-se o reconhecimento da leitura e do ato de ler que pode começar no ambiente escolar, principalmente na sala de aula, repercutindo na realidade sócio-cultural em que o jovem se insere. De fato, é importante que fique definida a concepção de leitura que o professor e a escola pretendem utilizar na construção de seus trabalhos pedagógicos; enquanto essa escolha não for bem definida, afasta-se cada vez mais do objetivo desejado que é o uso da leitura na formação de cidadãos críticos.

Acredita-se que no Ensino Fundamental, a criança se confronte com atividades de leitura elementar que consta apenas em focalizar a interpretação das palavras do autor. Sendo assim, “cabe ao ensino médio oferecer aos estudantes oportunidades de uma compreensão mais aguçada dos mecanismos que regulam nossa língua [...]” (BRASIL, 2002, p.55). Nesse nível de ensino, busca-se entender a leitura como elemento primordial na vida do homem, levando-o à compreensão da língua materna, geradora de significados, que proporciona ao ser humano a comunicação entre os diversos grupos sociais, respeitando as diferentes culturas, idéias e modo de expressão. Nessa perspectiva, a leitura adquire um papel de fundamental importância.

Convém destacar que a leitura se constitui como uma prática social de várias funções, através das quais, os jovens concluem que precisam da leitura, não apenas para compreender algo, mas para comunicar-se com o outro, obter conhecimentos e ampliar sua relação com o mundo que o cerca. Neste contexto, a leitura realizada com criticidade tem grande importância na vida do cidadão. Ler os mais diversos textos, de maneira reflexiva é uma das opções, a fim de que o aluno das classes populares consiga tornar-se consciente de seus direitos e lutar em benefício de uma sociedade igualitária.

Percebe-se que, formar leitor crítico, não se constitui uma tarefa das mais fáceis, no entanto representa algo extremamente gratificante para o estudante. Uma vez que, na escola, o currículo escolar deve conter disciplinas e outras alternativas que trabalhem a criticidade interligada ao cotidiano do aluno. Dessa forma, a leitura contribui para a formação intelectual, moral, ética e social do indivíduo, representando conhecimentos prévios para todos os outros que o sujeito deverá adquirir durante sua vida.

Em meio a uma sociedade globalizada, percebe-se a necessidade da escola formar leitores críticos que possam reivindicar seus direitos diante de uma sociedade competitiva e discriminatória. “Evidentemente, qualquer pessoa comprometida com a educação logo

⁷SANTOS, Edileuza Freitas. **A formação de leitor crítico: uma contribuição interdisciplinar no processo ensino aprendizagem.** Disponível em: <<http://www.monografias.brasilecola.com/educacao/a-formacao-leitor-critico-umacontribuicao-interdisciplinar-.htm>> Acesso em 28/10/2008.

pensará que compete à escola formar leitores críticos, e esse tem sido, efetivamente, o objetivo perseguido nas práticas escolares” (BRASIL, 2006 p. 69).

Observa-se a difícil situação que se institui nas condições de produção de leitura no contexto escolar e, conseqüentemente, fora deste, já que a grande maioria das pessoas não percebe os interesses da ideologia dominante subentendida nos textos e nas condições de produção da leitura.

A presença do professor-leitor tem grande importância no incentivo da leitura perante os alunos. Diz-se que os alunos só conseguirão obter compreensão de determinado texto se estiverem sendo estimulados de forma reflexiva pelo professor. Contudo, destaca-se a necessidade dos professores-leitores reverem sua forma de trabalho, em relação às condições de leitura no processo de formação do aluno. Segundo Silva (2005, p. 23):

Precisamos ter em mente uma formulação clara e precisa a respeito do leitor que educamos, por que o estamos educando; além disso, precisamos de muita ousadia e coragem para avaliar criticamente os métodos educativos, geralmente oriundos de pedagogias consumistas, alienantes e fechadas em si mesmas.

Diante do exposto, diz-se que a leitura crítica tem por finalidade trabalhar de forma clara a concepção de leitor crítico, capaz de atuar no lugar em que vive. Por outro lado, é importante a revisão dos métodos utilizados pelo professor em sala de aula, no sentido de motivar cada vez mais o aluno para a aprendizagem da leitura.

2. CAPÍTULO II - O UNIVERSO DA PESQUISA

2.1. Aspectos Econômicos e Culturais do Estado do Maranhão⁸

O Estado do Maranhão possui uma área de 331.983.293km², com população de 6.103.327 habitantes, distribuída em 59,5% na zona urbana e 40,5% na zona rural. O Estado reúne 217 municípios está localizado na região Nordeste.

Tabela 1 - Cinco maiores cidades maranhense.

Cidades	Habitantes
São Luís (capital)	998.385
Imperatriz	232.560
Timom	146.139
Caxias	144.387
Codó	115.098

Fonte: www.ma.gov.br

Nota-se que Codó, a cidade onde foi realizada a pesquisa, é a quinta maior cidade do Estado.

Economia

A economia do Maranhão encontra-se centrada na agricultura, pecuária e indústria. Pode-se dizer que a agricultura é a principal atividade econômica do Estado, mas com desenvolvimento bastante reduzido, marcada por características; arcaicas, policultura de subsistência, baixa produtividade etc. A pecuária se caracteriza por ser extensiva, os rebanhos são criados soltos, sem cuidados técnicos, o que apresenta baixa produtividade. Os principais rebanhos são bovinos, suínos, caprinos e ovinos.

Já no setor industrial, o Maranhão conta com sete distritos, sendo que três (São Luís, Imperatriz e Balsas), estão implantados e os quatros restantes (Rosário, Santa Inês, Bacabal e Açailândia), estão em fase de implantação. Ainda, nesse contexto, encontra-se o Distrito Industrial mais importante do Estado, que é o de São Luís; com as fábricas de Alumina e Alumínio da Alumar, duas cervejarias (BRAHMA e ANTARCTICA) e quarenta empresas que atuam em diversos setores.

Cultura

Ressalta-se a cultura no Estado Maranhão, especificamente, na capital, obedecendo a seguinte estrutura: Museus, Espaços Culturais e também diversas livrarias espalhadas pela cidade. Entre os museus, pode-se destacar: Museu Histórico Artístico do Maranhão (MHAM), Museu de Arte Sacra (MAS), Museu de Artes Visuais (MAV) e Cafuá das Mercês. Todos esses museus constituem fonte de preservação da cultura maranhense. Nos espaços culturais, encontramos: Casa de Cultura Josué Montello, Centro de Criatividade Odylo Costa Filho, Espaço Cultural João do Vale, Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. Espaços

⁸ Informações disponível em: <<http://www.ma.gov.br/2007/7/22/Pagina2221Print.htm>> . Na subseção que trata da cidade de Codó, além de informações retiradas de sites governamentais, fez-se uso de documentos oficiais da Secretaria de Educação do Município de Codó-MA.

destinados a divulgação cultural do Estado nas diversas formas de expressões artísticas. No que diz respeito às lendas, destacam-se a Lenda da Carruagem de Ana Jansen, Lenda da Serpente de São Luís, Lenda da Maguda, Lenda da Praia do Olho d' água, etc. Já as danças populares que mais se destacam são: Bumba meu boi, Tambor de crioula, Tambor-de-Mina, Dança de São Gonçalo, Dança do Caroço e Dança do Coco. Todo esse conjunto de danças e lendas faz parte do folclore maranhense. Conforme assegura Reis (1999, p.128):

Falar do folclore maranhense é lembrar o rico universo que reflete, nas suas mais diversas expressões, o modo de pensar, sentir, agir e reagir dos segmentos populares do nosso Estado diante da sua realidade de vida. É trazer à tona todo um conjunto de componentes que manifestam a visão de mundo, as formas de relação das pessoas com a natureza, seu meio ambiente, entre si próprios e com Deus.

Podem-se encontrar várias bibliotecas na cidade de São Luís, com objetivo de proporcionar informações fundamentais, para ampliar conhecimentos dos habitantes da capital e cidades do interior.

- Biblioteca Estadual Benedito Leite;
- Biblioteca da Universidade Federal do Maranhão;
- Biblioteca da Universidade Estadual do Maranhão;
- Biblioteca do Centro de Ensino Unificado do Maranhão;
- Arquivo Público;
- Bibliotecas Municipais;
- Acervos das Secretarias Municipais de Educação e Cultura.

Analfabetismo no Maranhão

Apesar de sua riqueza cultural e diversos recursos naturais, o Estado do Maranhão possui indicadores de qualidade de vida deficiente. Nesse contexto, a educação agrupa alguns dos piores indicadores sociais do Estado. O que se pode comprovar em dados da Pesquisa “Síntese dos Indicadores Sociais”- (IBGE)⁹ 2005.

[...] mostram que o Maranhão, que registra a quarta maior taxa de analfabetismo do Brasil, tem agora o terceiro maior índice. Segundo o IBGE, no ano de 2005 cerca de 23% da população maranhense com mais de 15 anos de idade não sabia ler nem escrever. Em 2004, esse percentual foi de 22,8%. A pesquisa revelou que as taxas de analfabetismo no Maranhão são maiores na população negra e parda, com 25,9%. No Maranhão, 37% da população com mais de 15 anos de idade não tem habilidade para interpretar textos ou tem escolaridade inferior a quatro anos.(O estado do Maranhão, p.5,10/07 citado em Clipping diário Matraca nº896 de 10/07).

De acordo com os dados citados anteriormente, um dos graves problemas que o Maranhão enfrenta é o número elevado de analfabetos, estimado em 927.111, conforme pesquisa realizada pelo Programa Brasil Alfabetizado em 2006. Várias propostas estão sendo

⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

formuladas por autoridades e também organizações da sociedade civil rumo à erradicação do analfabetismo no estado. Entre os programas presentes na elaboração do Plano Estadual de Erradicação do Analfabetismo no Maranhão, podem - se citar: Saberes da Terra (Seduc-MA); o Alfabetização Solidária-Vale Alfabetizar e Pronera (Uema e Ufma); o BB Educar- Banco do Brasil; Por um Brasil Alfabetizado do Sesi/ Senai; Todas as Letras da CUT- MA e o Programa “Sim, eu Posso” (método de alfabetização cubano de adulto/Instituição Pedagógica Latino-Americana y Caribeño). Esse método foi aplicado no município de Açailândia (MA), através do Movimento Sem Terra (MST), que trabalha desde 2005 com o programa e já conseguiu extinguir 92% do analfabetismo no município.

Educação

Ressalta-se a educação Básica no Estado, composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Tem por finalidade garantir a todos os cidadãos brasileiros, formação comum necessária para o exercício da cidadania e meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Dentro desse contexto, investe-se na capacitação do professor da Educação Básica, desde 1993, com o PROCAD (Programa de Capacitação de Docentes), hoje PQD (Programa de Qualificação Docente). O Programa possui grande abrangência, dos 217 municípios existentes no Estado, o programa já está presente em 158. Sendo 91 Pólos implantados, beneficiando aproximadamente 15 mil alunos. Esse programa tem duração de 3 anos e meio, ministrado no período das férias escolares.

O Ensino Superior no Maranhão esta dividido em público e privado, com a atuação das seguintes universidades pública e privadas na cidade de São Luís.

- Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
- Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
- Centro Federal de Educação Tecnológica do (CEFET-MA)
- Universidade Virtual do Maranhão (Univima)
- Privadas
- Centro Universitário do Maranhão (UICEUMA)
- Faculdade Santa Teresina (CEST)
- Faculdade Santa Fé
- Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)
- Faculdade Pitágoras do Maranhão
- Faculdade do Estado do Maranhão (FACEM)
- Faculdade São Luis
- Faculdade Atenas Maranhense (FAMA)
- Faculdade de Balsas (UNIBASSA)

Nota-se o pequeno número de universidades públicas no Estado, com objetivo de suprir as necessidades da população. Nesse sentido, é necessário que se repense a expansão e qualidade da universidade pública.

2.2. Breve Comentário sobre o Município de Codó-MA

O município de Codó- MA localiza-se na região do cerrado maranhense, com área de 4.364,499 km² e população de 115.098 habitantes. Mantém uma distância de 290 km de São Luis, capital do Estado e 180 km de Teresina, capital do estado do Piauí.

Faz-se uma descrição geral das atividades econômicas, culturais e da educação no município de Codó- MA, com objetivo de conhecer os aspectos físicos, a cultura, economia e educação deste município.

A economia codoense baseia-se na lavoura de subsistência, pecuária, extrativismo, comércio, indústria de cerâmica e cimento.

Culturalmente dá-se maior ênfase às festas juninas que são realizadas no mês de junho e julho, destacando a dança do bumba-meu-boi. Outras danças fazem parte do quadro cultural da cidade, como: dança do coco, dança da mangaba, dança da fita e o terecô. Ainda, fazendo parte desse conjunto de manifestações culturais, é tradicional, em maio, a comemoração da festa do “Treze de Maio”, homenagem à libertação dos escravos. Contemplando essa idéia, Machado (1999, p. 175) afirma: “Treze de Maio em Codó (A dança do Punga), comemoram os negros, de forma efusiva, o dia da Abolição da Escravatura”. Dessa forma, a cultura codoense centra-se principalmente nessas festividades regionais. Dentro desse contexto, encontram-se apenas duas bibliotecas públicas municipais que prestam serviço à comunidade. A Biblioteca Municipal, localizada no centro, da cidade, serve a grande maioria da população; enquanto a Biblioteca Farol do Saber, no bairro Trizidela, presta serviço à comunidade dos bairros vizinhos à sua localização. Outro fato relevante nessa temática é a inexistência de teatro e cinema, ou seja, espaços literários que incentivem a divulgação da cultura e à aquisição de informações para a população.

Educação

A educação no município de Codó-MA está organizada na rede escolar pública municipal, estadual, federal e rede privada.

No Município de Codó-MA, no ano de 2007, observam-se elevadas taxas de matrículas, tanto na rede municipal e estadual. Apresenta a descrição geral de matrículas, no ano de 2007, no Município de Codó-MA, distribuídas na zona rural e zona urbana. Nessa descrição pode-se obter o total de 228 escolas e 1.136 turmas. Outro fato notável é o elevado número de alunos matriculados na zona urbana em relação à zona rural.

A educação da Rede Estadual no município concentra-se nas modalidades: Ensino Fundamental e Médio. Um fato que chama a atenção é o elevado índice de matrículas no Ensino Médio. Apenas o Centro de Ensino Médio Luzenir Matta Roma, presta essa modalidade de ensino à comunidade na sua totalidade.

O Ensino Privado tem crescido muito no município, haja vista que, existem três grandes escolas: Pequeno Polegar, Olympus e Despertar. Oferecem desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Essas escolas e outras da rede privada contribuem para a melhoria da educação no município.

Diante das informações apresentadas, é necessário que se possa pensar em políticas públicas em prol da escola pública no Brasil, com o objetivo de promover uma educação igualitária e de qualidade.

Ensino Superior

Em relação ao Ensino Superior em Codó, desde 1998, encontra-se em Codó, um campus de extensão da UFMA (Universidade Federal do Maranhão), que teve seus trabalhos encerrados em 2000, ficando apenas atividades de conclusão de curso. Em 2008, retornou suas atividades com vestibular em Licenciatura em Informática. Em 1999, foram implantadas três turmas de Licenciaturas em Matemática, parceria entre o município e o Centro de Educação Tecnológico (CEFET) (FERREIRA, 2004).

Também, nesse mesmo ano, surgiram várias turmas do Programa de Capacitação de Docentes (PROCAD). No ano de 2000, a Escola Agrotécnica em parceria com o CEFET-MA, ofereceu à comunidade o curso de Licenciatura em Ciências Agrárias, que também não logrou êxito na formação de novas turmas. No ano de 2005, no município teve início o programa de capacitação de docentes, convênio do município com a Universidade Estadual do Maranhão – UEMA ainda em andamento.

2.3. Contextualização do Campo de Pesquisa¹⁰

2.3.1. Caracterização da EAF/Codó-MA

A rede Federal de Educação Tecnológica originou-se no início do século passado, no ano de 1909 quando foram criadas 19 Escolas de Aprendizes Artífice, uma em cada estado da União, através do Decreto nº. 7.566, pelo então presidente Nilo Peçanha. Essas escolas foram, ao longo do tempo, destacando-se no contexto educacional brasileiro por oferecerem formação geral e específica de alta qualidade, consideradas “ilhas de excelência”, especialmente nas regiões carentes do país.

Na conjuntura de implementação da reforma da educação profissional, essas instituições federais devem consolidar-se como centros de referência para os sistemas estaduais, municipais e privados de educação profissional. As Instituições Federais de Educação Tecnológica–IFET, formam atualmente uma rede de 170 escolas distribuídas da seguinte forma: 36 Escolas Agrotécnicas Federais (EAF), 33 Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), 58 Unidades de Ensino Descentralizadas (UNED), 30 Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais, 01 Escola Técnica Federal, 01 Universidade Tecnológica Federal, 11 Campi vinculados à Universidade Tecnológica. Dentro desse contexto, ressalta-se a Escola Agrotécnica Federal de Codó-MA, autarquia federal, criada pela Lei nº 8.670, de 30 de junho de 1993.

A Escola Agrotécnica Federal de Codó – MA localiza-se a 5 km, da cidade, no Povoado Poraquê, Zona Rural, S/N. Com uma área aproximadamente de 200 hectares, sendo 5% de área construída, a saber: nove salas de aulas, um laboratório de Informática, um laboratório de Agroindústria, um laboratório de solos, três Unidades de Ensino e Pesquisa, um auditório, uma biblioteca, dois alojamentos, uma residência para alunos, duas residências para funcionários, um refeitório, três aviários, um galpão para suinocultura, um galpão para codornas, um aprisco, setor de mecanização, uma fábrica de ração, uma fábrica de arroz, etc.

Dentre esses setores mencionados, cita-se a Coordenação Geral de Assistência do Educando e subdivisões: Setor de Esportes, Setor de Alimentação, Nutrição e Setor Residência, por prestar serviço de atendimento social à comunidade discente.

¹⁰ Os dados a serem apresentados nesta seção foram retirados de documentos oficiais da EAF/Codó-MA e do trabalho monográfico de Araújo (2007).

2.3.2. Cursos oferecidos

A Escola Agrotécnica Federal de Codó – MA, em 2007, oferecia oito cursos técnicos, dentre eles: Agropecuária Integrada ao Ensino Médio, Agroindústria Integrada ao Ensino Médio, Agropecuária Concomitante ao Ensino Médio, Agroindústria Concomitante ao Ensino Médio, Agropecuária Subseqüente ao Ensino Médio, Agroindústria Subseqüente ao Ensino Médio, Informática Subseqüente ao Ensino ao Ensino Médio, Agroindústria Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA-PROEJA.

O Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio e o Curso Técnico em Agroindústria Integrado ao Ensino Médio da EAF- Codó- MA, estão organizados em cinco áreas/núcleos para serem desenvolvidos em séries anuais num período de três anos, levando o aluno a permanecer em horário integral na escola.

As cinco áreas/núcleos são Linguagem e Códigos e Suas Tecnologias, Ciências da Natureza e Matemática, Ciências Humanas, Fundamentos da Agropecuária ou Agroindústria e Formação Prática em Agropecuária ou Agroindústria. Cada área compõe-se de disciplinas com carga horária organizada em uma matriz curricular conforme a operacionalização do curso. Os alunos vivenciam o estágio curricular como elemento pré-requisito para a conclusão do curso.

Outro fato importante é a organização do curso Subseqüente (Pós-médio) e Concomitante (o aluno cursa o Ensino Médio em outra escola). Esses cursos são organizados em 05 módulos de qualificação técnica, de um semestre, e estão distribuídos de seguinte forma: Técnico em Agropecuária: Produção Vegetal, Produção Animal, Produção Agroindustrial, Infra-estrutura Rural e Gestão, Legislação e Projetos. O Técnico em Agroindústria: Controle de Qualidade de Alimentos, Processamento de produtos de Origem animal, Processamento de produtos de origem animal, Processamento de origem vegetal, processamento de Produtos não-alimentares e Gestão, Legislação e Projetos.

Já na modalidade PROEJA, os cursos oferecidos são integrados com duração de 2 anos e meio a três anos. A organização curricular e modular compõe-se das áreas do Ensino Médio e das áreas de Formação Profissional.

2.3.3. Corpo discente/docente e técnico administrativo

No ano de 2007, a escola contava com 403 alunos regularmente matriculados; distribuídos da seguinte forma: 69 no Curso Técnico Agropecuária Integrado (1ª série); 35 no Curso Técnico Agroindústria Integrado (1ª série); 61 do Curso Técnico Agropecuária Integrado (2ª série); 29 Curso Técnico Agroindústria Integrado (2ª série); 55 do Curso Técnico Agropecuária Concomitante (3ª série); 26 do Curso Técnico Agroindústria Concomitante (3ª série); 59 do Curso Subseqüente Agropecuária; 37 do Curso Subseqüente Agroindústria; 07 do Curso Informática Subseqüente; 25 do Curso Técnico Agroindústria Integrado/ EJA(Educação de Jovens e Adultos).

Vale ressaltar que a comunidade estudantil pertence a quinze municípios maranhenses; Timbiras, Codó, Coroatá, Caxias, Coelho Neto, Dom Pedro, Presidente Dutra, Governador Archer, São Mateus, Colinas, Pedreiras, Lago dos Rodrigues, Barra do Corda, Lago do Junco e São Benedito do Rio Preto.

O quadro funcional da Escola Agrotécnica Federal de Codó-MA estava formado por 59 servidores, sendo 34 docentes e 25 técnico-administrativos, além de 49 servidores terceirizados. Desses 34 docentes, 07 possuem graduação, 12 são especialistas, 11 mestres e 04 doutores. Doze servidores do setor técnico-administrativos têm curso de graduação e nove estão fazendo curso de graduação em diferentes áreas, e apenas 04 continuam com o nível de ensino médio.

2.4. O Percurso Metodológico da Pesquisa

Procura-se fazer neste capítulo uma breve explanação do percurso realizado para a construção desse trabalho. A partir dos objetivos desta pesquisa, já definidos, busca-se refletir sobre a existência de diversas práticas de leitura e suas implicações na formação de alunos da EAF/Codó-MA. Optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa, por se tratar de um estudo descritivo e de cunho social. Segundo as idéias de Silva e Menezes (2001, p.20):

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica, entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

Assim, em consonância com as idéias das autoras, durante a investigação, percebeu-se a importância de buscar aproximação entre o sujeito e o contexto social no qual ele está inserido, haja vista que a leitura se desenvolve num processo de interação desse sujeito consigo mesmo, com outros sujeitos e com seu universo cultural, proporcionando, assim, um contexto de construção de significados.

Fez-se uso da observação participante, através da constituição de um grupo de leitura, no qual o observador participa do contexto pesquisado e sua mera presença já altera a realidade estudada. Também se envolve nas interações de forma discreta. Para Brandão e Streck (2006, p.8), observação participante é:

Um convite [...] pelo menos mudar de lugar, mudar de olhar e, se possível, mudar de pensar. É feito a várias vozes e segundo vários estilos, para que aprendamos também a não pensar o outro através de nós mesmos - nossas práticas, nossas idéias, nossas posturas -, mas a nos pensarmos a nós mesmos através do outro. Sendo uma busca da partilha solidária.

De acordo com os autores acima, a observação participante acontece no momento em que os participantes de determinado grupo deixam a prática do individualismo e se juntam para a construção de um novo saber. No decorrer do trabalho de campo, a pesquisadora procurou se aproximar da comunidade pesquisada, a fim de participar de forma mais efetiva do mundo desses sujeitos, procurando estabelecer um “contato implícito” entre pesquisadora e os sujeitos da pesquisa, permitindo que houvesse confiança de ambas as partes.

Durante os primeiros momentos da investigação, a pesquisa bibliográfica, recorreu-se a diversas fontes que continham informações relevantes sobre o tema leitura, tendo como propósito um melhor entendimento do objeto de estudo. Logo depois, passou-se a planejar, reformular ou abandonar alguns procedimentos no desenvolvimento da investigação. O segundo momento foi marcado pela coleta de dados, análise e interpretação dos mesmos. Para se obter êxito na pesquisa de campo “duas qualidades são fundamentais: a paciência e a persistência” (SILVA; MENEZES, 2001, p.22).

A técnica do portfólio, instrumento que compreende a organização de trabalhos realizados por alunos durante um período de tempo, proporcionou o desenvolvimento destes fora e dentro da escola. Conforme Shore e Grace (2001, p.20):

O portfólio proporciona um contexto em que a criança pode pensar sobre idéias e conhecimento que adquiriu fora da sala de aula, enriquecendo, assim, as atividades de aula tradicional, como as de relatar suas experiências próprias. Embora raramente discutida, essa conexão entre a vida escolar e a vida privada da criança. É tão importante quanto outras conexões entre o lar e a escola.

Como se pode perceber, essa técnica é de grande importância para o meio educacional, contribui para renovação de atividades que valorizem as experiências do educando. A partir dessa idéia, no decorrer do Projeto Rodas de Leitura, usou-se o portfólio com a finalidade de acompanhar o crescimento dos alunos no processo de aprendizagem, uma vez que possibilitou que o aluno refletisse a respeito do seu próprio saber. A avaliação nesse processo deu-se de forma contínua, envolveu atenção de todos os participantes: professores e alunos responsáveis pela construção do conhecimento.

2.5. Procedimentos Metodológicos

A pesquisa ocorreu na cidade de Codó, no Estado do Maranhão, em uma escola pública Federal, abordando as práticas de leitura desenvolvidas nesse ambiente escolar. No decorrer do processo, procurou-se a utilização de meios favoráveis, conforme apresentado abaixo, para se verificar a existência de práticas de leitura dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Para tanto, a observação participante foi de fundamental importância, tendo o propósito de identificar as situações que pudessem contribuir para um entendimento maior a respeito dos vários aspectos da questão estudada.

Com a finalidade de alcançar os dados consistentes para esta pesquisa, foram usadas e analisadas várias fontes como entrevistas semi-estruturadas de professores e alunos, material produzido pelos próprios alunos (textos, desenhos, etc.), documentos fornecidos pela escola e registro de atividades dos alunos participantes (portfólio). Parte dos materiais citados e os questionários de entrevista encontram-se anexados ao término do trabalho.

Intentou-se posteriormente uma pesquisa documental, considerando-a um recurso de grande importância para se conhecer possíveis experiências de leitura já realizadas na escola. Definiu-se como meta ler e interpretar os documentos fornecidos pela escola a fim de conhecer as regras norteadoras da instituição, caso houvesse, em relação às práticas de leitura. Esta etapa da pesquisa veio a ser realizada, a partir da análise dos seguintes documentos: Plano de Curso Técnico em Agroindústria Integrado ao Ensino Médio; Plano do Curso Técnico Integrado em Agropecuário ao Ensino Médio, e Plano de Ensino das disciplinas História, Português e Arte, do ano de 2007. Entretanto, as informações coletadas não foram satisfatórias, pois parte dos eventos da escola relacionados à leitura não são devidamente registrados. Com isso, a análise desses documentos não foi utilizada diretamente neste trabalho. Decidiu-se por enfatizar as próprias respostas dos sujeitos da pesquisa nas entrevistas realizadas, além das atividades de leitura promovidas com o fim de análise empírica mais direta com os alunos leitores.

2.5.1. Sujeitos da pesquisa

Os participantes dessa pesquisa foram três professores das respectivas áreas: História, Português e Arte, atuantes no Ensino Médio dos cursos Técnico Agropecuária Integrado, Técnico Agroindústria Integrado, Agropecuária Concomitante e Agroindústria Concomitante; vinte alunos desses mesmos cursos, matriculados no ano de 2007, dentre eles, foram selecionados, aleatoriamente, oito alunos para a entrevista; e a funcionária responsável pela

biblioteca escolar. Ressalta-se que, no momento da pesquisa, a escola não contava com a atuação de uma bibliotecária efetiva.

A seleção dos docentes justificou-se devido a atuarem nas áreas de Linguagens, Códigos e Ciências Humanas, áreas que utilizam a leitura com a finalidade de desenvolver o espírito crítico do ser humano. Assim, através de relatos desses atores, em entrevistas, procurou-se obter dados que pudessem auxiliar na compreensão do problema norteador desta pesquisa.

Faz-se aqui uma breve apresentação dos docentes a fim de que se possa compreender o envolvimento de cada um com a leitura.

A professora de História é especialista, identificada pela letra “B”, tem dezesseis anos de exercício no magistério; dois anos que trabalha na EAF-Codó- MA, através de um processo seletivo e nunca participou de curso de capacitação para docentes. No período da pesquisa atuava nas três séries do Ensino Médio.

A professora de Português nomeada “C” é especialista em Língua Portuguesa, há quatorze anos iniciou sua carreira no magistério e há nove anos pertence ao quadro efetivo da instituição já citada. Também não teve participação em nenhum curso de capacitação para docentes. Atuava na 2ª e 3ª séries.

O professor de Arte, identificado por “D”, na época da pesquisa, era graduado e exerceu a condição de contratado por dois anos nessa instituição. Atuava na 1ª e 2ª séries.

Em relação aos educandos, na grande maioria, são adolescentes oriundos de famílias de agricultores; pertencentes a várias cidades do Estado do Maranhão. Estudam em turno integral, alguns retornam para a Sede do Município ao fim do dia, enquanto outros são alunos residentes.

No que se refere à funcionária da biblioteca, a mesma tem Ensino Médio completo, é contratada por uma empresa que presta serviço à escola.

2.5.2. Entrevistas

Com o intuito de obter informações sobre o fenômeno em estudo, principalmente acerca das práticas de leitura dos sujeitos envolvidos na pesquisa, optou-se pela entrevista como ferramenta metodológica de coleta de dados.

Deu-se preferência pela entrevista semi-estruturada, elaborando um questionário prévio de perguntas, mas admitindo a possibilidade de que, no transcorrer da mesma, o entrevistador pudesse discutir o assunto abordado. Tentou-se também, na medida do possível, classificar as perguntas de forma que se pudesse aferir a situação da leitura em dois âmbitos da vida dos entrevistados: no âmbito pessoal e no âmbito escolar, para em seguida se tentar aferir as perspectivas dos sujeitos em relação à leitura na escola. Essa divisão será utilizada como forma de organizar a análise dos dados a ser feita no Capítulo IV, a seguir.

No início do mês de novembro de 2007, buscou-se aproximação com o grupo de docentes, tecendo explicações sobre o trabalho que a pesquisadora iria desenvolver a respeito da temática leitura. Os professores mostraram-se receptivos e combinaram a data do novo encontro.

As entrevistas ocorreram na sala dos professores, nos dias 08 e 09 de novembro desse mesmo ano, por ser o lugar de maior permanência desses profissionais quando estão fora de sala de aula. As professoras foram entrevistadas, individualmente, no primeiro dia; o professor no segundo.

No que diz respeito à entrevista de alunos, dos vinte participantes do projeto, apenas oito foram selecionados de maneira aleatória, identificados pelos números: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Vale ressaltar que o convite para a entrevista foi aberto a todos os estudantes participantes do projeto, porém apenas oito se dispuseram a respondê-las, razão pela qual o número de

entrevistas ficou reduzido a oito, mas que foi suficiente para se fazer uma análise coerente dos fatos. Então, deu-se início às entrevistas individuais, nos dias 19, 20 e 21 do mês já citado, na biblioteca escolar. Essa escolha deu-se em função desse ambiente ser mais adequado para a condução desse processo.

No dia 19 de novembro, foram entrevistados três alunos; cada entrevista durou cerca de trinta minutos e se constituiu num diálogo onde a fala do sujeito predominou. Ainda em relação ao bloco de entrevistas, no segundo dia, foram entrevistados três alunos e no terceiro dia, os outros dois. Assim, durante esse período, toda descrição e argumentação a respeito do assunto em pauta ficavam a cargo do discurso do aluno. A pesquisadora desempenhou o papel de conduzir as perguntas destinadas ao grupo. Ainda contou-se com a entrevista da funcionária da biblioteca, codificada “F,” a respeito do seu envolvimento com a leitura e o funcionamento da biblioteca.

Tabela 2 - Amostra selecionada: sujeitos entrevistados

Entrevistados	Prof. Português	Prof. Arte	Prof. História	Alunos do 1º ano	Alunos do 2º Ano	Alunos do 3º Ano	Funcionária responsável pela Biblioteca
Professores	1	1	1				
Alunos				6	2	-	
Funcionário							1

Fonte: Dados da Pesquisa

3. CAPÍTULO III A LEITURA NA EAF-Codó-MA

3.1. Projeto Rodas de Leitura

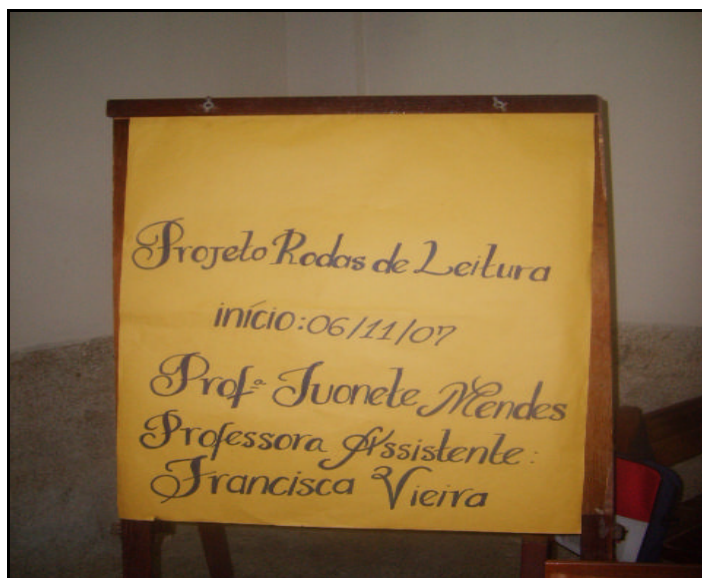


Figura 1 - Cartaz do Projeto Roda de Leitura.

O trabalho de campo teve início com a formação de um conjunto de atividades denominado “Rodas de Leitura”, composto por um grupo de vinte alunos com idade entre 15 a 18 anos, pertencentes a diversos municípios maranhenses. Vale ressaltar a heterogeneidade do grupo, formado por alunos que apresentam culturas e falares diferenciados de acordo com seus municípios de origem, o que, entretanto, não acarretou problemas. O curso foi realizado nas dependências da Escola Agrotécnica Federal de Codó-MA. Faz-se necessário destacar que a formação desse grupo se deu com o objetivo de analisar as práticas de leitura desses educandos e, simultaneamente, contribuir para o incremento de atividades de leitura na escola, a partir do diálogo e da expressão escrita desses jovens, através da troca de conhecimentos, culturas e experiências pessoais. É importante que se esclareça que não houve a utilização de critérios pré-estabelecidos para a seleção dos alunos participantes das oficinas, devido a alguns fatores que poderiam dificultar a realização das atividades, tais como a disponibilidade dos alunos, lembrando que os mesmos estudavam em tempo integral, etc.

O período de 29 a 31 de outubro de 2007, foi destinado à sensibilização e à mobilização do alunado em sala de aula, com o propósito de despertar o interesse dos mesmos para a discussão da leitura no processo de sua própria formação. O grupo foi definido a partir da necessidade de se trabalhar a leitura de maneira diversificada, respeitando as especificidades das culturas locais dos estudantes. Em seguida, realizaram-se inscrições dos alunos de 1ª, 2ª e 3ª séries dos cursos Técnico Agropecuária, Agroindústria Integrado ao Ensino Médio e Concomitante, obedecendo ao limite de vinte (20) vagas.

O período de planejamento das atividades propostas para o curso ocorreu entre os dias 01 a 03 de novembro de 2007. Nesse ínterim, pôde-se contar com o auxílio da Professora de

Língua Portuguesa, Francisca Vieira da Silva, pertencente ao quadro efetivo da instituição já citada, contribuindo com o planejamento e aplicação das atividades durante o projeto.

O Projeto realizou-se em oito oficinas de leitura, com dois encontros semanais (terças e quartas-feiras), no horário de 19h30 às 22h, cumprindo carga horária de 20h, no turno noturno, organizado em dois momentos essenciais: um de problematização e o outro de avaliação constante do conhecimento através das práticas de leitura do aluno, identificando pontos de estrangulamento e possível resignificação dessas práticas no ambiente escolar. Todo o processo incluiu planejamento das atividades em consonância com os objetivos da pesquisa, através de diferentes tipos de linguagens possíveis, a saber: oral, escrita, incluindo desenhos, teatro, pinturas, danças, etc.

O projeto “Rodas de Leituras” teve oito encontros que se desenvolveram conforme o resumo das atividades exposto no quadro abaixo:

Quadro 1 - Resumo das etapas do Projeto Rodas de Leitura (Continua)

Encontro/ Dia	Tema do Encontro	Recursos Utilizados
I 06/11/07	Leitura do Passado	Realização do que se chamou dinâmica de identidade, levando o grupo a relatar fatos de sua infância.
II 07/11/07	Leitura do Presente	Texto “O Mito da Caverna” para estímulo à reflexão sobre o papel do adolescente na sociedade. (http://www.historionet.com.br)
III 13/11/07	Leitura do Futuro	Apresentação da canção “Aqualera”, do cantor e compositor Toquinho, quando se levou os alunos a falar sobre seus projetos de vida futura.
IV 14/11/07	Contação de história Infantil	Exibição do vídeo “Cinderela”, visando a valorização dos contos infantis tradicionais ainda presentes no imaginário.
V 15/11/07	Poesia	Apresentação da música “Coração de Estudante”, ressaltando o valor da amizade, e a responsabilidade de que o estudante tem de contribuir para mudar o mundo em que vive.

Quadro I - Continuação

VI 21/11/07	Texto Narrativo	Observância, pelo aluno, da seqüência lógica de um texto, levando em conta a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.
VII 22/11/07	Texto Descritivo	Trabalho de desenvolvimento da capacidade e observação do aluno, em relação aos detalhes das coisas que eles observam, sendo capazes de descrever esses detalhes em texto.
VIII 28/11/07	Apresentação da música “Cio da Terra”, do cantor e compositor Milton Nascimento.	Despertar atitudes positivas para o aluno dentro da sua comunidade levando-o a refletir sobre o seu papel no meio em que vive.

Fonte: Elaboração com base nos dados obtidos durante os encontros.

3.1.1. Etapas de execução do projeto

I Encontro (06.11.07)

Nessa primeira oficina, trabalhou-se com a “Leitura do Passado”, através da dinâmica da identidade,¹¹ com o objetivo de integrar os participantes do grupo, reviver momentos marcantes da infância, produzir textos, etc.

As atividades iniciaram-se às 19h30min, com explicação da Professora Ivonete Mendes de Sousa a respeito do funcionamento do curso e a técnica do portfólio. Logo depois, deu-se início à dinâmica de identidade envolvendo todos os alunos. No segundo momento, vários alunos destacaram “a infância” como período marcante em suas vidas. Para isso, realizaram depoimentos, produziram textos poéticos, desenhos e textos escritos. Uma das coisas que chamou a atenção, foi o uso do desenho para recordar cenas ou pessoas da família as quais os estudantes tinham muito afeto.

Os desenhos, de modo especial, reportavam à infância dos alunos, a episódios marcantes do seu cotidiano, a exemplo daqueles que representavam família; brincadeiras infantis como de boneca, de carrinho e outras. Dentro desse contexto, foi possível registrar a fala de alguns alunos sobre momentos marcantes na infância.

“Eu gostava era de brincar de bonecas porque achava interessante” (aluna da 2ª série)

“Eu gostava de ficar perto do meu pai e minha mãe” (aluno da 1ª série)

“Adorava brincar de bonecas, roda e casinha” (aluna da 1ª série)

Nesse momento, também, foi possível registrar a fala de uma aluna muito emocionada *“o que mais me marcou na infância foi a morte de meu pai, tenho saudade dele”*. Dalla Zen (1997, p. 108) salienta: “na medida que os alunos foram expressando seus desejos e fantasias, mostraram como se percebem e como percebem o seu mundo”.

Três alunos destacaram que a infância não foi só de brincadeiras, mas também de trabalho. Percebe-se no texto destes alunos certa frustração, mesclada à mágoa de não poder ter vivido sua infância naturalmente. Para eles, a necessidade de trabalhar para ajudar na renda familiar foi supressão de sonhos, fantasias e brincadeiras típicas daquela fase de suas vidas, como Dallazen concorda: “nas famílias de baixa renda, a criança não é apenas a esperança [...] de um futuro melhor, mas ela é um elemento mobilizador do presente; sua força de trabalho é condição indispensável para a sobrevivência” (Dallazen, 1997, p.58).

II Encontro (07.11.07)

Fez-se uso da “Leitura do Presente”, através do texto: “Mito da Caverna” extraído da obra “A República”, de Platão, com o objetivo de estimular a leitura e o debate sobre temas reflexivos e o papel do adolescente na sociedade. No primeiro momento, ocorreu a leitura do texto com o grupo, ouvindo as impressões de cada um. Já no segundo momento, alguns alunos expressaram suas idéias através de debates e outros usaram desenhos.

Os alunos usaram pinturas, textos escritos alusivos a problemas sociais, preconceito, violência e a importância da família na formação do jovem. Muitos deles mencionaram a

¹¹ Consiste em uma atividade de relaxamento no qual se pede para os alunos relembrem de momentos importantes em suas vidas, principalmente da infância. A sugestão para tal atividade foi apresentada pela Profª Maria Leidinalva Batista Miranda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

ausência da família relacionada à escola; sendo um dos pontos que dificultam a aprendizagem do jovem. Outros, tentando libertar-se da timidez, aproveitaram a oportunidade para opinarem sobre a importância da cooperação e solidariedade como forma de solução desses problemas. Para Luzia de Maria (2002 p.63): “O exercício constante do debate e da troca, durante as aulas, mostravam-se eficaz: Aqueles alunos não apenas tinham o que dizer, mas também sabiam ouvir. [...] sentindo-se seguros, num ambiente descontraído, em que ninguém ocupava o lugar absoluto do saber.”



Figura 2 - Alunos durante atividades do Projeto Rodas de Leitura.

III Encontro (13.11.07)

Esse encontro foi marcado pela “Leitura do Futuro”, destacando a palavra *futuro* na música “Aquarela”, de Toquinho, com o objetivo de discutir projetos de vida dos estudantes. No primeiro momento, ouviu-se a música com o grupo, iniciando a discussão acerca da palavra *futuro*. No segundo momento, alguns alunos iniciaram a produção textual utilizando desenhos para expressar os profissionais que desejariam ser no futuro. Outros usaram textos argumentativos orais e dissertativos. No final da aula, vários textos foram lidos para a turma.

Enquanto liam seus textos, pôde-se observar a presença de grandes expectativas em relação a uma profissão de maior expressividade. Alguns falaram da possibilidade de se firmar profissionalmente como técnico em Agroindústria ou Agropecuária e cursar uma faculdade. A grande maioria dos alunos manifestou o desejo de cursar uma faculdade, e poder ajudar suas famílias no futuro, o que pareceu relevante, visto que grande número acredita que, quanto maior o grau de formação do profissional, maior será sua ascensão social.

Nesse encontro, foi possível registrar a desistência de três alunos da 3ª série no projeto, uma vez que estavam complementando carga horária do curso Técnico no turno noturno, no mesmo horário das oficinas.



Figura 3 - Alunos executando atividades no Projeto Rodas de Leitura.

IV Encontro (14.11.07)

No decorrer do encontro, realizou-se relatos de histórias a partir do vídeo infantil “Cinderela”, com objetivo de valorizar a narração de histórias como atividade cultural. A atividade teve início com a professora Ivonete narrando um conto de fadas. Logo em seguida, pediu para que um aluno continuasse a narração. No segundo momento, cada grupo apresentou, de forma diferenciada, uma história infantil, a partir da exibição do vídeo e leitura de outros contos de fadas.

Durante as apresentações, ficaram claras as fantasias que permeiam a mente da criança e até que possam vir a se tornar realidade em suas vidas, embora como algo concreto, a nível de planos para uma vida futura menos laboriosa e marcada por grandes esperanças. Envolvidos pelo clima da história, os alunos passaram a relacionar o comportamento dos personagens infantis com os seres humanos. De acordo com Moraes (1996, p.13): “Qualquer parte que se leia de uma história [...] há de causar gosto e maravilha em quem lê”.

V Encontro (20.11.07)

Nesse encontro, trabalhou-se a poesia a partir das palavras “amor” e “liberdade” na música “Coração de Estudante” de Milton Nascimento. Objetivou-se destacar a importância da linguagem do texto poético. Inicialmente, ouviu-se a música com o grupo, iniciando a discussão sobre o tema já citado. No segundo momento, os alunos produziram textos poéticos e leram para a turma.

Em alguns momentos percebeu-se a desmotivação dos alunos em relação ao texto poético. Somente com uma nova audição da música, começaram a fluir as falas dos alunos sobre rimas, verso e estrofe. Nesse clima de envolvimento poético, um aluno da 2ª série, um pouco tímido, leu seu texto para expressar idéias e criatividade.

Liberdade e Amor

*Vamos, vamos nos libertar
Buscar dentro de nós algo sublime*

O que devemos buscar?

O amor que nos dar força

E nos ilumina

Na construção de um mundo melhor.

VI Encontro (21.11.07)

Esse encontro utilizou a construção do texto narrativo a partir de frases que marcam as partes do texto: introdução, desenvolvimento e conclusão, levando o aluno a perceber a necessidade de organizar a seqüência lógica de um texto. No primeiro momento, teceram-se explicações sobre introdução, desenvolvimento e conclusão. No segundo momento, ocorreu a produção de textos pelos grupos e a leitura dos mesmos, a fim de que colocassem em prática o que havia sido explicado sobre os elementos estruturais na construção de um texto.

Notou-se que, apesar das dificuldades iniciais, os alunos conseguiram seqüenciar suas produções de modo a se observar claramente o que era a introdução, como foi o desenvolvimento e a se distinguir a conclusão, ainda que com poucas palavras, dos textos que produziram. Os alunos ainda apontaram as dificuldades em relação à redação e, ao mesmo tempo, enfatizaram que esse tipo de produção se tornou mais prazerosa.

VII Encontro (27.11.07)

Fez-se uso do texto descritivo com o objetivo de trabalhar a percepção e capacidade de observação do aluno, a partir de registros peculiares de suas localidades. Inicialmente, ao som de uma música ambiente, os alunos ficaram concentrados com propósito de visualizar uma praça conhecida. Logo em seguida, ocorreu a leitura do texto “Uma rua como aquela” de Lucília J. de Almeida, proporcionando a produção dos textos que foram apresentados em seguida.

Os alunos discutiam entre si características de lugares conhecidos como bairros, ruas, avenidas e praças da cidade de Codó. Tudo parecia muito familiar e a agitação foi geral, uns queria apresentar a Praça da Igreja São Sebastião, Praça da Bandeira, a Praça Ferreira Bayma¹² e outros locais. Facilmente, as produções se concretizaram e um grupo de cinco alunos, quatro meninas e um menino, apresentaram um texto descritivo, com o tema “A Avenida 1º de Maio, acompanhado de um mapa gráfico que tinha por finalidade orientar o leitor sobre a importância dessa avenida.

VIII Encontro (28.11.07)

Procurou-se trabalhar a temática social através do texto “Terra”, de Eneida Agra Mara e a música “Cio da Terra”, de Milton Nascimento, objetivando discutir saberes significativos do aluno junto à sua comunidade. No início das atividades, fez-se leitura do texto e debate com os alunos. No momento seguinte, ouviu-se a música com os alunos e cada grupo procurou fazer uma pequena dramatização dos saberes adquiridos nos cursos técnicos.

O projeto encerrou suas atividades no dia 04 de dezembro de 2007. No primeiro momento, as professoras pediram para que os alunos fizessem uma avaliação sobre o projeto. Logo depois, foram recolhidas as pastas com as atividades organizadas pelos alunos. Nessa

¹² Praças da cidade, a primeira localizada no Bairro São Sebastião, as demais se encontram no Centro da cidade.

mesma noite, organizou-se com os estudantes, um pequeno coquetel para marcar o encerramento do projeto.



Figura 4 - Encerramento do Projeto Rodas de Leitura.

Percebeu-se, nesse momento, a satisfação que os alunos sentiam ao concluir o projeto, através de conversas entre eles, alusivas às atividades desenvolvidas no período do mesmo, aos momentos de preparação e apresentação dos trabalhos, aos assuntos debatidos conjuntamente.

É interessante ressaltar que, nesses debates, os estudantes mantiveram uma postura de diálogo com os colegas, procurando respeitar suas opiniões, embora algumas críticas tenham sido inevitáveis, mas que não chegavam a causar conflito entre o grupo. Isso se constituiu num aspecto significativo para a professora, que conseguiu, gradativamente, estabelecer entre os alunos, um clima de amizade, solidariedade e, principalmente, de respeito ao outro e às suas convicções.

Durante essa jornada, encontraram-se várias dificuldades, destacando-se a dificuldade de horário disponível para aplicação do curso, pois os alunos estudavam em turno integral, bem como a aproximação do encerramento do calendário escolar. Desta forma, a escola deveria repensar a melhor forma de ocupar o tempo livre do aluno, a fim de conciliar com atividades que viessem a contribuir com a aprendizagem do aluno.

Por outro lado, é importante ressaltar que, nas entrevistas, a maioria dos alunos destacou a importância de atividades como essas realizadas nas oficinas, dada sua dinâmica e o caráter de suas atividades. É o que se constata no desabafo de jovens sobre atividades no ensino médio em São Paulo “Deveríamos ter aulas mais dinâmicas e sermos mais preparados”.¹³

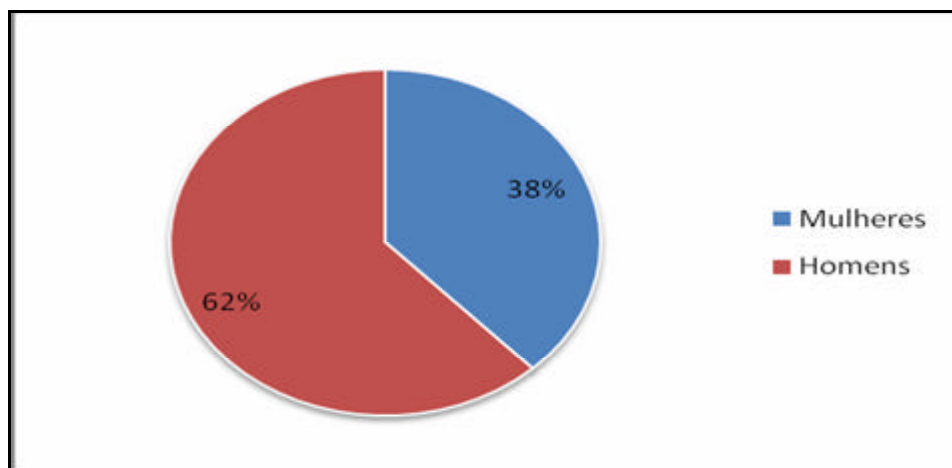
3.2. Os Alunos e a Leitura

Percebeu-se que as entrevistas aplicadas no mês de novembro de 2007, tornaram-se um conjunto de respostas significativas aos possíveis questionamentos iniciais desta pesquisa. Dos oito jovens entrevistados, cinco são do sexo masculino e três do sexo feminino; quatro

¹³Informação retirada de matéria do jornal Correio Brasiliense, 30/06/08.

deles cursavam a 1ª Série e o restante a 2ª; todos com idade de 15 a 18 anos. O gráfico abaixo apresenta a porcentagem do número de alunos e alunas participantes.

Gráfico 1 – Sexo dos alunos



Os três docentes participantes da pesquisa têm níveis de formação diferentes; a docente “B” é especialista, a “C” é especialista e o docente “D” é graduado. Já a funcionária da biblioteca “F”, tem o Ensino Médio completo. Toda essa descrição se faz necessária para a compreensão do envolvimento destes com a leitura e as possíveis implicações nas práticas de leitura no ambiente escolar considerado.

Após o levantamento dos dados das entrevistas, foram realizadas as codificações e a interpretação dos mesmos, utilizando-se, em alguns momentos, gráficos, tabelas e quadros a fim de se ultrapassar o sentido literal das palavras.

A partir das entrevistas, optou-se por analisar as respostas em dois âmbitos: a leitura na vida pessoal dos sujeitos e a leitura no âmbito escolar, agrupando as questões da entrevista conforme fosse possível relacionar cada uma com o âmbito pessoal ou escolar. Como forma de completar a análise, a última pergunta do questionário foi utilizada para uma discussão acerca de perspectivas dos alunos e professores em relação às aulas de leitura. A razão para essa divisão deu-se como forma de melhor classificar as respostas, visto que as entrevistas foram semi-abertas possibilitando respostas abertas e, portanto, de difícil classificação.

Com isso, nas duas próximas subseções, as respostas dos alunos e professores são apresentadas a partir da relação deles com a leitura numa dimensão mais pessoal e outra relacionada com a escola. Buscou-se classificar as respostas dos professores, na medida do possível, seguindo a mesma ordem das respostas dos alunos, de forma que as respostas dos professores e alunos pudessem ser comparadas. Foi entrevistada, também, a funcionária responsável pela biblioteca da escola, no período da pesquisa, já que, como se verá pelas respostas dos alunos e dos professores, a leitura no âmbito escolar tem como forte referência o espaço da biblioteca.

3.2.1. A Leitura na vida dos alunos

Perguntou-se o lugar que a leitura ocupa em suas vidas. Os alunos responderam de forma unânime que a leitura tem grande importância em suas vidas, principalmente na formação pessoal, por diferentes motivos: ajuda a esclarecer certos assuntos, na medida em

que enriquece o vocabulário, auxilia na boa comunicação e proporciona “mais cultura”. Uma das alunas entrevistadas chegou mesmo a mencionar a influência recebida da sua família para a formação do hábito de leitura, enquanto outro aluno falou da importância da extensão de tal hábito do âmbito familiar para a vida escolar. Luzia de Maria (2002, p. 95-96) afirma: “os livros e, principalmente, as histórias devem entrar na vida da criança o quanto antes. Muito antes de se pensar em escola”.

As respostas apresentadas evidenciam a importância da leitura em todos os níveis sociais. Estabelece uma maneira de interação do homem em qualquer área do conhecimento. Permitido aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências.

Quando foram questionados a respeito da prática de leitura e da frequência com quem ela é abordada, a maioria dos jovens respondeu que praticam a leitura diariamente, semanalmente e outro aluno respondeu que não a pratica, conforme demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 3 - Frequência da leitura dos alunos

Prática de leitura	Diariamente	Semanalmente	Nenhuma
Resposta N. de alunos/(porcentagem)	05	02	01

Fonte: Dados da Pesquisa

Ao analisar a tabela 3, nota-se que os alunos demonstram certa frequência na leitura; dos oito alunos, cinco lêem diariamente e dois alunos lêem semanalmente, enquanto apenas um aluno afirma não ler. Dentre os motivos citados para não haver uma maior frequência na leitura citam-se: falta de interesse próprio, carência de livros atrativos na biblioteca e também a falta de incentivo em casa. Por outro lado, “Não há como negar que uma criança que convive com centenas de livros infantis desde o seu nascimento [...] tem mais oportunidades de exercitar-se na construção de seu conhecimento [...] que uma criança das classes populares, com escasso ou nenhum acesso a livros (MARIA, 2002, p. 34).

Ao perguntar aos alunos que tipo de leitura eles gostam, as respostas foram diversificadas.

Tabela 4 - Principais suportes de leitura

Tipo de leituras citadas pelos entrevistados	Frequência das respostas
Bíblica	2
Literário	4
Revistas e jornais (informativo)	2
Didático	2
Auto-ajuda	1

Fonte: Dados da Pesquisa

A Tabela acima apresentam as respostas dos alunos para duas questões relacionadas: a frequência e o tipo de leitura que os alunos costumam fazer. Em seguida, perguntou-se sobre o tipo de leitura que gostavam. Interessante notar a recorrência dos tipos de leituras mencionados, conforme sintetizado na tabela 4 acima. Observou-se que os tipos de leitura mais recorrentes nas duas questões são aquelas indicadas na tabela mencionada, entretanto, notaram-se respostas conflitantes no quesito de gosto de leitura. Foi possível perceber que as respostas diferiam quando a questão era referente ao tipo de leitura feita com mais frequência pelo aluno e o tipo de leitura feita por gosto do aluno, ou seja, nem sempre a leitura mais frequente era aquela feita por esse motivo. Um dos exemplos foi o aluno que indicou como leitura feita por prazer a de revistas e jornais, enquanto que o tipo de leitura feita com maior frequência foi a Bíblia.

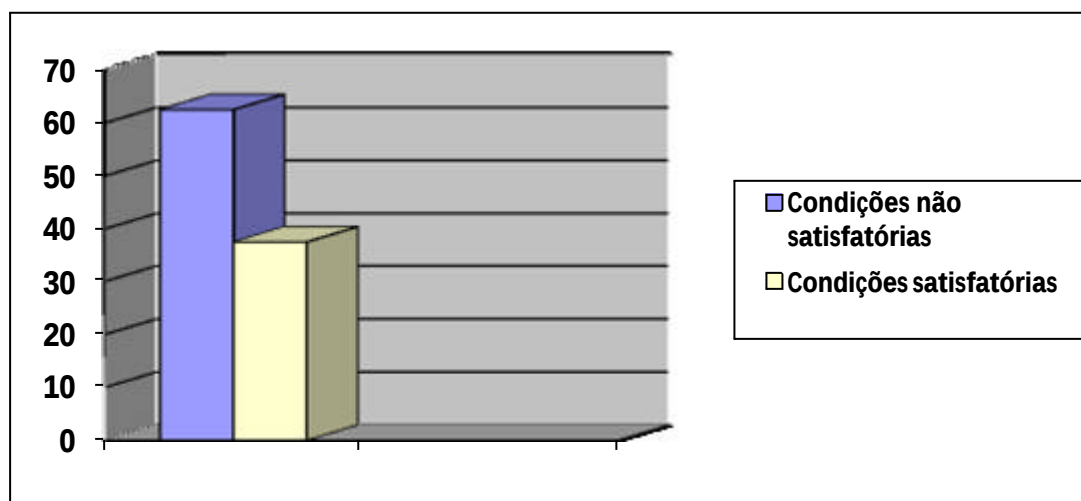
Nota-se que o tipo de leitura preferido pelos alunos, conforme recorrência nas respostas das entrevistas, tende aos textos literários, mais relacionados ao romantismo, seguido, pelas revistas e materiais didáticos, juntamente com leituras da Bíblia. Os textos literários mostram-se bem presentes, quando falam em romance, citam obras de Machado de Assis. Um aluno tem como referência a Bíblia para leitura diária, numa conotação clara de que se trata de um aluno evangélico. Outro a menciona como leitura por gosto.

Houve também respostas mencionando livros de auto-ajuda, e apenas um aluno mencionou o computador, mas afirmou não utilizá-lo para leitura. Fato, também, a ser mencionado é que nenhum aluno fez referência à leitura de gibis. Explica-se, de certa forma, que a leitura de gibis não é considerada, de forma geral, como leitura por parte dos alunos, no sentido estrito. Para a maioria deles, leitura é, na verdade, aquela dos textos literários clássicos. Talvez isso explique a maior recorrência dos textos literários nas respostas deles.

3.2.2. A Leitura na escola

Num segundo grupo de perguntas, indagou-se aos alunos sobre as oportunidades que a escola oferece para o desenvolvimento da leitura. Pelo gráfico abaixo, vê-se que a maioria desses alunos, cinco deles, considera que a escola precisa melhorar as condições de desenvolvimento da leitura, enquanto os outros três responderam que a escola apresenta condições satisfatórias para o desenvolvimento da leitura.

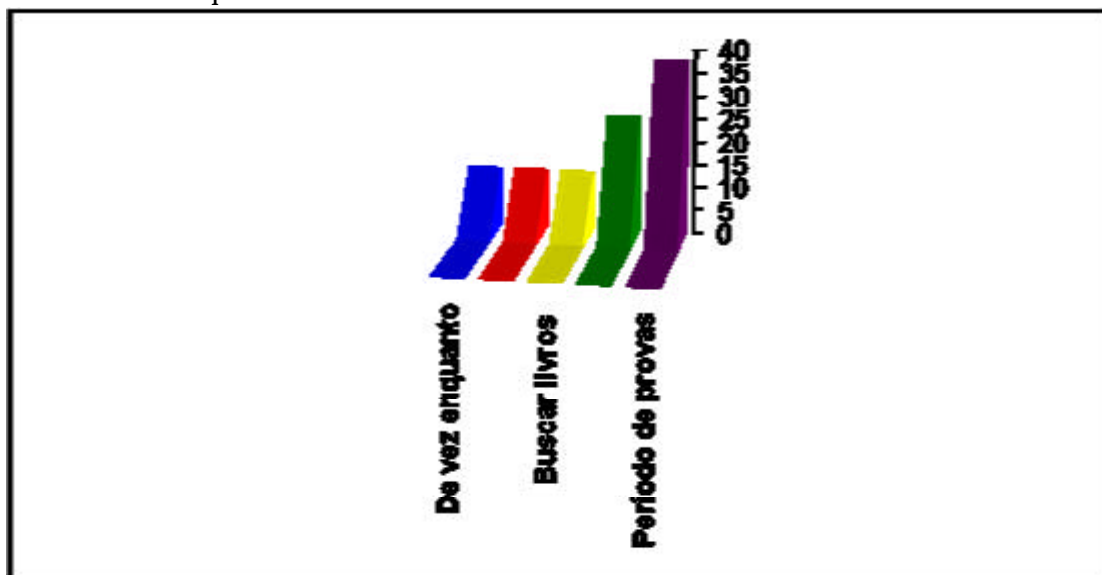
Gráfico 2 - Avaliação dos alunos sobre oportunidades que a escola oferece para prática de leitura.



As respostas dos alunos apresentadas no gráfico acima, sobre a falta de condições favoráveis para a prática de leitura na escola, relacionam-se à falta de infra-estrutura da biblioteca (livros, periódicos, bibliotecários, etc.). No entanto, três alunos disseram que a escola tem condições de ofertar essa prática. Nesse ponto, é interessante notar a forma como os alunos também utilizam a biblioteca da escola. Mais adiante serão apresentadas as respostas dos alunos em relação à biblioteca, mas já se antecipa aqui que, para muitos alunos a biblioteca termina por ser um local silencioso, adequado à leitura, mas não é bem aproveitada por falta de um razoável acervo, dentre outros motivos. Quanto a esse ponto tão enfatizado pelos alunos nas entrevistas, Silva (2005, p.21) afirma o seguinte: “não se forma leitores se as condições sociais e escolares não forem consideradas e transformadas”.

Quando perguntados se freqüentavam a biblioteca da escola e em que situações, os educandos responderam de forma diversificada sobre a freqüência deles na biblioteca. O gráfico abaixo busca sintetizar as repostas dos alunos:

Gráfico 3 - Freqüência dos alunos na biblioteca da escola.



A biblioteca é freqüentada em diversos momentos; de vez em quando (01 aluno), em horários vagos para passar o tempo (01 aluno), em horários vagos para buscar livros dos Cursos Técnicos (01aluno), no período de provas e trabalhos (03 alunos), para ler revistas (02 alunos). Diante disso, a freqüência maior dos estudantes vincula-se a atividades escolares, o que pressupõe que a leitura nesse ambiente esteja sendo realizada como uma obrigação e não uma atividade de prazer.

Ao perguntar aos educandos sobre as aulas de leitura na EAF, as respostas foram divididas; para uns são adequadas e para outros, restritas por falta de material didático.

Tabela 5 - Opinião dos alunos sobre a aula de leitura na EAF-Codó-MA.

Como são as aulas de leitura na EAF	Adequadas, mas não gosta do livro de Português	Atraem a atenção do aluno	Às vezes monótonas	Restrita falta de material didático	A leitura é pouca
Alunos	1	2	2	2	1

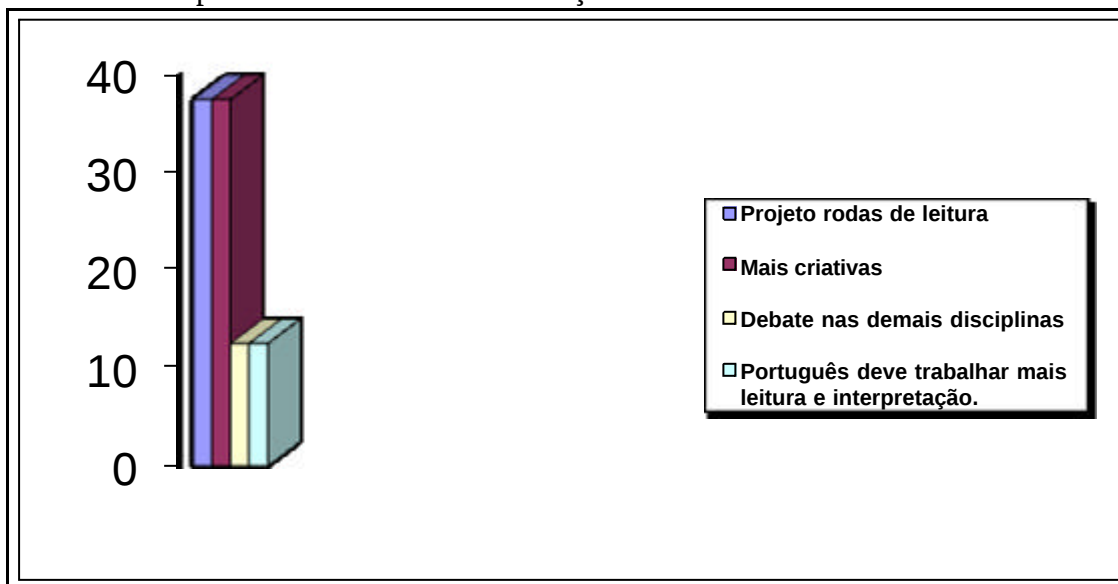
Ao analisar a tabela acima, as opiniões se dividem: Para 01 aluno as aulas são adequadas, mas não gosta do livro de Português; as aulas atraem a atenção para 02 alunos; as aulas são monótonas na opinião de 02 alunos; restritas, na opinião de 02 alunos, pela falta de material didático; a leitura é insuficiente em outras matérias, exceto na Língua Portuguesa, ressaltou 01 aluno. De forma geral, a principal reclamação é quanto à utilização de material de apoio em sala, o que leva as aulas a se tornarem não atrativas.

3.2.3. Perspectivas dos alunos em relação às aulas de leitura na EAF/Codó-MA

Ao perguntar aos alunos como gostariam que fossem as aulas de leitura, grande parte respondeu que são necessárias mudanças na metodologia das aulas.

Observa-se no Gráfico IV abaixo, que os alunos desejam mudanças na metodologia das aulas de leitura no ambiente escolar. Três (03) alunos desejavam que as aulas fossem como o projeto Rodas de Leitura, três (03) alunos gostariam que as aulas fossem mais criativas; 01 aluno que nas aulas houvesse mais debates, não só em português, mas também em História e nas demais disciplinas. Um (01) aluno sugeriu que a disciplina Português tivesse mais tempo para a leitura e produção de textos. De modo geral, percebe-se que há expectativas dos alunos por mudanças nas aulas de leitura. Na disciplina de História, foi apontada a necessidade de mais debates, haja vista que é uma disciplina que propicia a argumentação do aluno. E em relação à disciplina Português, foi sugerido maior tempo para a leitura e interpretação de texto, a fim de que fosse possível despertar o interesse do aluno pela leitura. Portanto, o ensino de leitura deve fugir do tradicionalismo e incorporar atividades mais dinâmicas que envolvam a participação dos alunos; leituras significativas que estejam dentro da realidade de vida do aluno e com as quais ele possa se identificar. Isso, sem dúvida, poderá despertar o gosto pela leitura, tornando-a uma prática prazerosa.

Gráfico 4 - Expectativas dos alunos em relação às aulas de leitura.



3.3. Os Professores e a Leitura

Como foi mencionado no capítulo I, sobre a presença do leitor, a figura do professor torna-se imprescindível para a formação de leitores. A escola com o seu importante papel na formação de leitores, acaba tendo na figura do professor o principal mediador nesse processo.

Nesta subseção, são analisadas as entrevistas produzidas com os três professores das disciplinas selecionadas. Devido ao número reduzido de professores entrevistados, optou-se por não tabular as respostas dos mesmos. Para tanto, tentou-se codificar as respostas dos três docentes de forma a possibilitar uma análise conjunta, seguida de comentários gerais para cada grupo de perguntas e respostas.

3.3.1. Representação da leitura para o professor

As perguntas agrupadas neste item dizem respeito ao papel que a leitura tem na vida do professor e a percepção dos próprios professores sobre a leitura na vida dos alunos.

Abaixo, tentou-se sintetizar as respostas dos professores em relação às suas percepções da leitura no âmbito pessoal e dos alunos. Ao analisar as respostas dos três professores, chegou-se à constatação de que, nem todos concordavam com as respostas dadas. Para tanto, convencionou-se usar o símbolo X para representar o peso das respostas, já que uma simples quantificação se mostraria pouco aplicável para uma amostra tão pequena. Foram utilizados, então, os símbolos de + e – para o caso de as respostas apresentadas terem sido caracterizadas, na avaliação da pesquisadora, como positivas ou negativas, respectivamente. A repetição da letra X significa que houve semelhança na resposta de dois professores. Para uma melhor interpretação por parte do leitor; uma apresentação como –XX significa que houve semelhança, no caráter negativo da resposta, de dois professores.

Justifica-se tal procedimento pelas dificuldades encontradas para sintetizar as respostas abertas dos professores. Na medida do possível, buscou-se atentar para as semelhanças ou divergências apresentadas nas respostas de cada professor. Abaixo, o quadro apresenta os pesos negativos e positivos das respostas dos professores quanto à percepção deles em relação à leitura.

Quadro 2 - Características das respostas dos professores quanto à leitura no âmbito pessoal

Percepção por parte dos professores em relação à leitura	Na vida pessoal do professor	Percepção da leitura na vida do aluno	Rendimento dos alunos nas aulas de leitura	Contribuição da família para a leitura
	- XX	-XX	-XXX	+XX

Pelo esquema apresentado no Quadro 2, acima, a pesquisadora constatou o seguinte: o símbolo –XX da primeira questão, relacionada à leitura na vida do professor, significa que a afirmaram ler apenas livros relacionados à sua área de trabalho. Justifica-se ter considerado tal posicionamento como negativo por inferir-se que a leitura não pode ser restrita simplesmente à área de trabalho, diferentemente da resposta de um dos professores que mencionou ter um gosto diversificado de leitura, além daquela da sua área de atuação. O professor deve desenvolver o prazer pela leitura para poder formar alunos leitores.

Quanto à segunda questão, a avaliação de dois professores também foi negativa, em relação à leitura na vida dos seus alunos. Vale ressaltar aqui que, para essas duas respostas, apenas um professor se posicionou positivamente para as duas questões. A grande maioria dos alunos vê a leitura como parte de suas atividades escolares, sem dar devida importância para sua prática no contexto social, político e cultural.

Na terceira questão, os três professores tiveram avaliações negativas quanto ao rendimento dos alunos nas aulas de leitura, o que reforça a questão anterior. Neste ponto é possível inferir que a avaliação dos professores se deu a partir das suas próprias aulas. O que chama atenção, no entanto, é que o professor que avaliou positivamente a leitura na vida dos alunos da questão anterior, avaliou negativamente a leitura dos mesmos nas suas aulas, o que

se torna contraditório. Já na quarta questão, dois professores tiveram avaliação positiva, ressaltando a importância da família para a formação de leitores. Aqui se leva em conta o rendimento dos alunos nas aulas de leitura, com acompanhamento dos pais, nas atividades escolares ou em outras atividades que incentivem a prática de leitura

3.3.2. A Prática de leitura dos docentes na escola

Seguindo a mesma divisão feita para análise dos questionários dos alunos, nesta subseção, são apresentadas as respostas dos professores concernentes à prática de leitura na escola.

Quadro 3 - Características das respostas dos professores quanto à leitura no âmbito escolar.

A leitura na escola	Frequência de leitura na sala de aula	Forma de trabalhar a leitura na sala de aula	Dificuldades de trabalhar a leitura em sala de aula	Papel da biblioteca na leitura dos alunos
	-XX	+XX	-XXX	-XXX

Optou-se novamente por sintetizar as respostas dos professores seguindo as convenções do quadro anterior com a mesma justificativa já apresentada. As respostas às questões relacionando à prática de leitura nas aulas dos professores entrevistados foram bastante diversificadas e algumas bastante difíceis de categorizar. Para produzir tabelas ou gráficos para cada resposta, não seria possível sintetizar as respostas em número ou porcentagens, portanto, fez-se uso de comentários sobre as respostas dadas, buscando-se, na medida do possível, um padrão nas respostas apresentadas, dada a variedade de respostas.

Na primeira questão, pelas respostas dos dois professores, percebeu-se que a leitura não é tão presente nas aulas, fato a ser corroborado com as respostas dos alunos, na subseção “Resultados e Discussão”.

Na segunda questão, o posicionamento dos professores pareceu mais positivo, apesar do quesito frequência ter sido negativo. Isso devido ao fato de um dos professores mencionar fazer uso das produções dos próprios alunos para leituras. Um outro professor afirmou usar outros textos além do livro-texto do material didático.

Quanto ao caráter da terceira questão, foram mencionadas algumas dificuldades que os professores encontraram nas aulas de leituras. As dificuldades apontadas foram: ausência da prática de leitura dos alunos; as dificuldades dos alunos em compreender os textos; e a falta de infra-estrutura para leitura. Nesta última resposta, o professor refere-se à biblioteca da escola, que foi tema da quarta questão. Perguntados sobre a frequência dos alunos na biblioteca, boa parte dos professores questionados não soube responder satisfatoriamente sobre a frequência dos alunos na biblioteca. Assunto a ser detalhado no item “4.3 O papel da biblioteca na prática de leitura na escola”.

3.3.3. Perspectivas dos professores em relação à leitura na EAF/Codó-MA

Questionados sobre sugestões para melhorar as aulas de leitura em sala de aula, um professor não fez nenhuma sugestão, enquanto os outros dois responderam ser favoráveis à criação da prática de leitura nos alunos e a necessidade de livros variados.

Em se tratando das sugestões apresentadas pelos professores para melhorar a atividade da leitura em sala de aula, manifestaram algumas estratégias já evidenciadas no decorrer da

entrevista. Levar o aluno a adquirir a prática de leitura pode ser uma tarefa um tanto difícil, mas não impossível, caso o professor se comprometa em diversificar sua metodologia, em ter entusiasmo e força de vontade. Livros variados, assinaturas de revistas, e um ambiente adequado, no caso a biblioteca, com a qual a escola já conta, são, sem dúvida, recursos imprescindíveis para fazer com que o aluno adquira ou desenvolva a prática de ler.

Neste ponto, é válido mencionar que as perspectivas dos professores não se diferenciam das dos alunos e, contrariamente ao que se poderia pensar, a falta de leitura em sala de aula não é apontada como responsabilidade apenas dos alunos. Todos os professores indicaram como um dos principais motivos a falta de recursos e por várias vezes a figura da biblioteca foi mencionada, tanto por professores como por alunos, como uma das causas da ausência de leitura na escola, ao mesmo tempo em que ela também foi apontada como a solução para o estímulo da leitura escolar.

3.4. O Papel da Biblioteca nas Práticas da Leitura na Escola

Como foi bastante recorrente nas respostas dos professores e alunos o papel da biblioteca nas práticas de leitura, apresenta-se aqui alguns itens da entrevista feita com a funcionária responsável pela biblioteca.

De modo geral, as respostas da funcionária condizem com as respostas e reclamações dos professores e alunos. A falta e a pouca diversidade de livros e revistas são a principal reclamação tanto de alunos quanto de professores.

É importante notar que a menção à biblioteca nas respostas dos entrevistados, principalmente nas questões relacionadas à leitura na escola, aponta para o papel da biblioteca como a referência para leitura no âmbito escolar.

Como a análise a ser feita deverá focalizar as práticas de leitura dos alunos, o ambiente escolar não se restringe apenas à sala de aula. A biblioteca surge, então, como uma complementação que professores e alunos deveriam lançar mão para facilitar e, até mesmo, melhorar suas práticas referentes à leitura. O que se vê pelas respostas dos professores e dos alunos, mostrando-se mais evidente na fala da funcionária responsável pela biblioteca, é que o papel reservado à biblioteca continua tendo pouca relevância para um melhoramento nas práticas de leitura dos alunos. Veja-se que, os alunos responderam que a biblioteca serve para preencher o tempo ocioso entre uma atividade e outra, e que a carência de títulos diversificados desestimula uma prática de leitura mais prazerosa. Quanto às respostas dos professores, percebeu-se também pouco uso do espaço reservado à leitura que a biblioteca escolar não oferece.

Desconsiderando a ida dos alunos para a biblioteca para a resolução de exercícios, a leitura por prazer acaba se tornando de baixa representatividade. Nesses termos, o que se observa é que a figura da biblioteca como importante para as práticas de leitura, chama a atenção para o fato de que uma biblioteca bem estruturada e que ofereça ao corpo discente e docente o mínimo de condições não resolverá o problema de leitura dos alunos, mas é um fator necessário, sem o qual, a prática da leitura na escola ficaria muito restrita à sala de aula.¹⁴

3.5. Resultados e Discussão

No conjunto das respostas de professores e alunos descortinou-se um anseio de tornar a leitura parte essencial das atividades escolares. Para complementar as respostas que foram

¹⁴ Vale mencionar que atualmente a biblioteca da escola passou por uma pequena reforma na parte estrutural e conta com o trabalho de duas bibliotecárias recém-concursadas.

coletadas com as entrevistas, foi elaborado o “Projeto Rodas de Leituras”, conforme já apresentado no Capítulo III Metodologia. Nas subseções seguintes, são apresentadas algumas produções de alunos que participaram do referido Projeto, tornando mais visível, pelos desenhos e textos produzidos pelos próprios sujeitos, a eficácia de projetos como esse no incentivo de novas práticas de leitura. Em seguida, alguns comentários de caráter geral são delineados.

3.5.1. A prática de leitura dos alunos da EAF/Codó-MA

Nesta subseção, apresentam-se algumas das redações dos alunos produzidas durante o Projeto Rodas de Leitura, além de uma discussão sobre os resultados alcançados com o uso da técnica de portfólio, da forma que foi explicada no Capítulo III- Metodologia. Buscou-se aqui apresentar, com dados retirados do material produzido durante as oficinas, as implicações do uso de projetos como esses para o desenvolvimento da leitura nos alunos.

Dos vinte alunos participantes do Projeto, foram selecionados os trabalhos de três deles. O primeiro aluno, identificado por “P”, produziu o texto abaixo:



Figura 5 - Desenho produzido por aluno sobre o tema a infância

O desenho faz parte de uma das atividades produzidas no I Encontro, do Projeto Rodas de Leitura, que abordou a leitura do passado através da temática “infância”. Esse desenho do aluno “P”, da 2ª série, representa uma cena marcante em sua vida, pois de todas as brincadeiras da época de criança, empinar pipa era a que mais lhe trazia boas recordações. Isto remete à idéia de liberdade que, geralmente, constitui um desejo de toda criança. Também se encontram no texto outros elementos que auxiliam na compreensão da mensagem: o sol, nuvens, pássaros e árvores; o que reforça a idéia de que a cena ocorreu em um dia quente e ensolarado. Portanto, a leitura se fez presente a partir do momento em que o aluno passou a registrar sua experiência de vida desde a infância.

Foi interessante notar que, quanto mais o tema das leituras estava relacionado com a vida do aluno, mais ele se envolvia nos textos trabalhados durante a oficina.

O segundo aluno, identificado por “M” produziu o texto seguinte:



Figura 6 - Desenho produzido por aluno sobre o tema futuro

Este segundo desenho, produzido no III Encontro, que teve como discussão a leitura do futuro através da letra da música “Aquarela” de Toquinho, o aluno “M” procurou registrar

nesse desenho o trabalho do futuro técnico em agropecuário e o local de sua atuação. Daí utilizar elementos peculiares para esse fim, como cenário rural, com pequenas casas e a figura do trabalhador semeando grãos no preparo da terra para produção.

Foi interessante notar, também, que os desenhos produzidos eram frutos de debates entre os alunos, sobre o tema e o texto apresentado. Após a leitura dos textos trabalhados, todos os alunos, inclusive aqueles que tinham alguma dificuldade de comunicação, a exemplo de inibição, receio de expressar seu pensamento se sentiram à vontade para falar o que pensavam e o que sentiam. Em situações como essas, a leitura deixa de ser algo estritamente obrigatório e se transforma em um prazer a ser cultivado diariamente.

O terceiro aluno, identificado por “N” e quatro colegas produziram o texto abaixo:

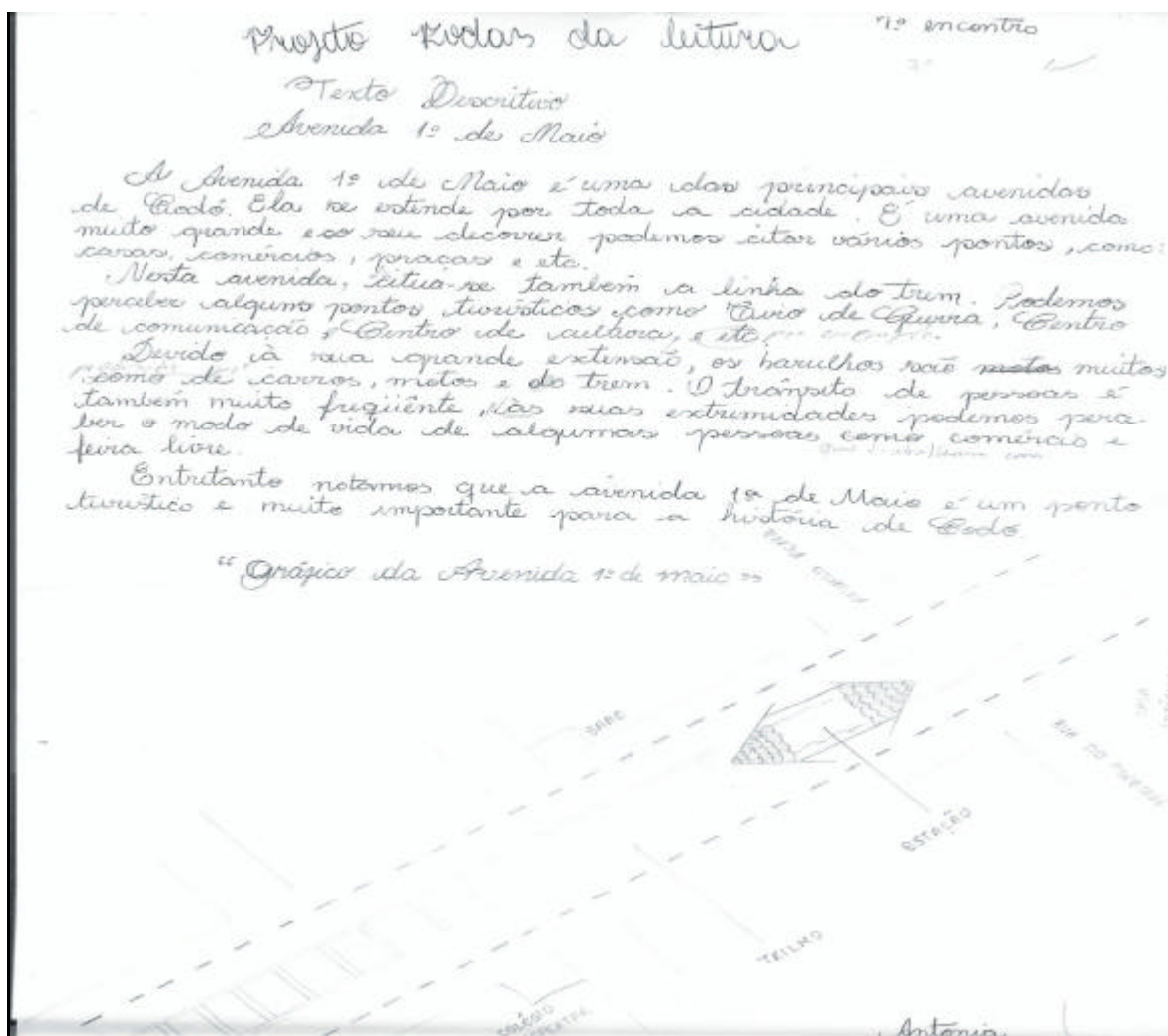


Figura 7 - Texto descritivo produzido por alunos com o título “Avenida 1º de Maio”

O texto foi uma das atividades presentes no VII Encontro, que abordou o texto descritivo e teve como embasamento o texto “Uma rua como aquela”, de Lucila Junqueira de Almeida. O aluno “N” e quatro colegas, por meio de registros locais, produziram o texto descritivo, “Avenida 1º de Maio” acompanhado de um mapa para localizar o leitor. Em primeiro momento, fizeram breve introdução a respeito da extensão e importância dessa avenida para a cidade de Codó-MA, logo depois apresentaram os principais pontos turísticos

situados nessa avenida, Tiro de Guerra, Centro de Cultura entre outros. Também foi possível detalhar a movimentação do trânsito e do fluxo de pessoas que lá trabalham.

De forma geral, notou-se que a leitura nos três textos apresentados aqui está vinculada à experiência de vida dos alunos, o que leva a um maior envolvimento do leitor com o texto. Conforme Freire (1996, p.16): “na medida, porém, em que fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na leitura”.

No uso da técnica de portfólio, selecionou-se um trabalho produzido pelo aluno “N” (ver Anexo 4).

A técnica do portfólio, no Projeto, foi utilizada para o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos e de suas atividades, constituindo um processo de avaliação contínua. Pediu-se que cada aluno organizasse seu portfólio contendo resumo das atividades desenvolvidas e sua auto-avaliação. Dessa forma, analisou-se o trabalho do aluno “N” como exemplo dessa técnica utilizada em sala de aula. A organização do portfólio obedeceu à seguinte estrutura: capa (data de início e término do curso, nome do aluno e o pensamento de um escritor relacionado ao crescimento pessoal do homem); sumário (apresentação detalhada das atividades dos encontros); indicações de leitura (textos utilizados nos encontros); comentários sobre os assuntos desenvolvidos nos encontros e conclusões pessoais.

O portfólio foi de grande importância para o crescimento pessoal e educacional dos alunos. Notou-se, de modo geral, o progresso dos participantes do curso no que se refere à produção intelectual, como também em relação à troca de experiências pessoais. Assim, no encerramento das atividades, foi possível constatar na entrega dos portfólios e apresentação de cada aluno sobre a importância de seu trabalho. Este instrumento serviu, não apenas para organizar as atividades do Projeto, mas para direcionar um ensino no qual o aluno possa refletir sobre os conhecimentos adquiridos, fora de sala de aula, através de experiências pessoais.

3.5.2. Perspectivas para a leitura na vida dos alunos da EAF/Codó-MA

Após todas as atividades realizadas, tendo sempre em mente as discussões e problemáticas apresentadas pelos autores consultados (LAJOLO, 1994; SILVA 1996; 2005; MARIA, 2002; FREIRE 2006; CHARTIER 2001), buscou-se nesta subseção traçar uma análise de conjunto do que foi apresentado nas subseções anteriores. Os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa, no caso, as entrevistas e o Projeto Rodas de Leitura, apresentado no Capítulo III, serviram como um instrumento para avaliar o lugar da leitura na vida dos alunos e o papel da escola para a formação de leitores já que, com o Projeto mencionado, buscou-se diversificar as práticas de leitura até então realizadas na EAF/Codó. Com as oficinas executadas no Projeto Rodas de Leitura, buscou-se também complementar as respostas dadas por alunos e professores para as entrevistas, buscando-se dessa forma, corroborar ou não as respostas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa, além de, na medida do possível, traçar pontos em comum nas respostas de cada sujeito entrevistado.

Tomando a perspectiva adotada neste trabalho, da leitura não apenas como um processo cognitivo, mas como uma atividade situada num contexto sócio-cultural, foram considerados dois ambientes sempre presentes na formação de leitores: a família e a escola. Focalizando esses dois ambientes, tanto as atividades realizadas no Projeto, quanto as perguntas feitas nas entrevistas, foram pensados como instrumentos para verificar a forma como a leitura é praticada pelos alunos e, com isso, tornar possível propostas que redimensionem a prática de leitura deles.

O núcleo familiar dos alunos da EAF/Codó apresenta-se como um dos fatores de grande peso para a formação de leitores críticos, mostrando-se, entretanto, como uma das

dificuldades enfrentadas quanto ao processo de formação de leitores. Isso porque, como mencionado no Capítulo I, a família é, geralmente, o berço de leitores, o que na realidade nem sempre é possível. Percebe-se que essa tarefa não é uma das mais fáceis, uma vez que a iniciação da leitura, em primeiro momento, perpassa e tem início no ambiente familiar. Como grande parte desses alunos não possui em seus lares condições materiais e incentivos para a leitura, fica impossível delegar para as famílias tamanha responsabilidade.¹⁵ Por outro lado, a escola deve assumir a continuação dessa prática respeitando as experiências do aluno.

Diante disso, é necessário que a escola respeite as leituras que o aluno traz consigo, a fim de que possa ampliar o seu universo, acrescentar suas práticas, conhecer outros gêneros, etc .

As entrevistas analisadas nas subseções anteriores corroboraram com o que Silva (2005, p. 21-22) afirma sobre a importância da melhoria das condições reais da leitura, destacando fatores como a infra-estrutura da biblioteca, diversificação de materiais a ser utilizada nas práticas de leitura, sem esquecer a capacitação do professor como figura central para o desenvolvimento da prática de leitura.

Pelas respostas dadas nas entrevistas dos professores e alunos, pôde-se chegar a alguns pontos em comum. É possível verificar que, tanto professores quanto alunos, anseiam por melhorias nas práticas de leitura realizadas na escola, de certa forma vindo a suprir, talvez, uma ausência que se mostra na vida pessoal de cada um dos sujeitos da pesquisa. Nesse caso, a análise das respostas, quanto à presença da leitura na vida deles, demonstra que, mesmo a leitura existindo, a sensação é de que ela poderia ser mais aproveitada e até mesmo estar mais presente. Isso é corroborado pelo fato de nas respostas dos professores, os mesmos terem demonstrado que suas leituras se restringem à sua prática profissional. É interessante notar, também, que mesmo os professores tendo feito uma análise relativamente negativa quanto à percepção deles sobre a leitura na vida dos alunos, as práticas de leitura em sala de aula seguem ainda metodologias tradicionais nas aulas de leitura, que não despertam a atenção e o interesse dos alunos. Fato também comprovado pelas respostas dos alunos, que disseram ser as aulas de leitura monótonas sem nenhum sentido para eles, pois são leituras de textos distantes da sua maneira de ser e de pensar.

No anseio de testar novas práticas de leitura em aula, o Projeto Rodas de Leitura recebeu avaliações bastante positivas, por parte dos alunos participantes. Percebeu-se que práticas inovadoras e estimulantes como essas poderiam ser um convite irrecusável para tornar a leitura mais do que uma simples obrigação em sala de aula.

Os procedimentos utilizados até o momento vislumbraram parte dos problemas relacionados à leitura, principalmente na vida dos alunos. Diante do exposto, considerando a insatisfação manifestada por professores e alunos, propostas como o Projeto Rodas de Leitura e melhorias no que diz respeito aos recursos oferecidos pela escola, são fatores fundamentais para a renovação na prática de leitura dos estudantes.

Pelos pontos positivos, expressados também nas entrevistas com os alunos participantes, é possível que haja uma motivação maior no que concerne à busca de novas metodologias de inserção e inovação da leitura dentro e fora da sala de aula.

Silva (2005, p. 93) sugere várias atividades possíveis para, nas palavras do autor, “dinamizar a leitura escolar”, mas adverte que suas sugestões devem ser amarradas às finalidades e aos conteúdos do ensino. Atividades bastante corriqueiras como conversar sobre determinado livro ou autor, e mesmo encaradas como tradicionais em sala de aula, como a leitura em voz alta pelo professor, quando realizadas com um fim maior de tornar a leitura

¹⁵ Dentre diversos motivos para isso, remete-se aos pontos mencionados na subseção “1.3.2 A família e a formação de leitores”.

sempre presente na vida do aluno, podem contribuir inestimavelmente, para a formação de leitores assíduos.

Notou-se através das entrevistas com os alunos e professores o anseio por mudanças nas atividades de leitura desenvolvidas em sala de aula, visto que vários fatores contribuem para o tradicionalismo das aulas de leitura, entre eles: a metodologia do professor em sala (aulas embasada no livro didático), falta de atividades atrativas que envolvam a participação do aluno e carência de um ambiente adequado (biblioteca). Diante disso, fica difícil inserir a prática de leitura nos alunos se, em primeiro lugar, não se investir na capacitação do professor, em projetos dinâmicos que possam atrair atenção do aluno, e se a biblioteca não estiver devidamente aparelhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compartilha-se nesta pesquisa os anseios dos autores consultados, de que problemas educacionais não podem ser solucionados em um passe de mágica. Entretanto, a busca por respostas e estratégias para a solução desses mesmos problemas tornam a execução de pesquisas como esta, a pequenos passos, para uma longa caminhada, árdua, mas nem por isso pouco satisfatória, pois fica a possibilidade de que estudos posteriores possam fazer uma abordagem mais profunda do tema, trazendo novos esclarecimentos.

Os autores selecionados tratam da problemática deste trabalho com o mesmo foco, a leitura como parte das práticas culturais dos alunos (SILVA, 2005; MARIA, 2002; CHARTIER, 2001). Os procedimentos metodológicos objetivaram apreender quais seriam as práticas de leituras dos estudantes da EAF/Codó; para tanto, fez-se uso de entrevistas e por fim a realização de um projeto de leitura denominado “Rodas de Leitura”, seguido da produção da técnica de portfólio, seguindo, da melhor forma possível, a linha de pensamento dos autores citados.

Objetivou-se com este trabalho, refletir sobre práticas atuais de leitura dos alunos e, a partir delas, ensinar iniciativas que pudessem tornar a leitura mais dinâmica e presente na vida deles.

A utilização do método de pesquisa participante, juntamente com as estratégias adotadas, apontou para uma parte da realidade de leitura dos alunos da EAF/Codó, contribuindo, de certa forma, como um instrumento de avaliação das suas práticas de leitura. Os recursos, as entrevistas e a realização do Projeto Rodas de Leitura, mostraram-se satisfatórios no desenvolvimento desta pesquisa. Serviram como um diagnóstico das práticas de leitura dos estudantes, que contribuíram para que algumas considerações pudessem ser feitas neste momento.

Ao iniciar as primeiras atividades analisadas neste trabalho, sabia-se que, para se abordar a temática práticas de leitura na escola, deveria haver um diagnóstico sobre como a leitura se apresentava para os alunos. Assim, vê-se a necessidade de dar atenção a outros fatores envolvidos na formação do aluno leitor, como as concepções dos professores, a infraestrutura escolar e, caso fosse possível, a existência ou não de políticas educacionais voltadas para o incentivo da leitura. Além disso, ao se tentar localizar as práticas de leitura dos alunos no âmbito da família e da escola, constatou-se que a leitura está presente na vida dos alunos, mesmo que de forma restrita. A leitura é, ainda, vista por eles, como algo obrigatório, mas reconhecem a importância de ler.

Constata-se, também, com isso que, pelo fato da leitura se apresentar de forma restrita, acaba não sendo usufruída prazerosamente por parte dos alunos. Neste ponto, o papel da instituição escola, juntamente com os mediadores, professores, bibliotecários, funcionários, é o de contribuir para a construção ou refinamento das atividades de leitura que irão formar leitores mais críticos.

O Projeto desenvolvido mostrou-se bastante satisfatório até o momento e acredita-se que iniciativas como estas podem contribuir para a melhoria da forma como a leitura é trabalhada na escola. A perspectiva sócio-cultural mostra que os alunos já são leitores de sua realidade, portanto, atividades que respeitem e aproveitam tal vivência poderão ser mais frutíferas.

Portanto, essa pesquisa, vem sugerir que os docentes devem estar propensos a mudanças, principalmente, vivendo em meio a uma sociedade globalizada, onde o papel do

professor não se resume a repassar conteúdos. É necessário assumir uma nova postura, a de um facilitador, que coordena o processo de ensino-aprendizagem juntamente com os alunos.

Vale ressaltar a importância de introduzir mudanças no setor educacional, no que se refere à superação de práticas tradicionais em sala, de aula, uma vez que é necessária a construção de abordagens e atividades em que o aluno se sinta envolvido em partilhar suas experiências com os outros.

Ao se debruçar sobre as práticas de leitura dos alunos na EAF-Codó-MA, procurou-se através das entrevistas, apontar alguns elementos que estão interligados a essa questão: a biblioteca, a capacitação do professor e a metodologia em sala de aula. Assim, cabe à escola a responsabilidade de proporcionar aos discentes condições para o acesso ao conhecimento. É nesse sentido de construção e reconstrução do conhecimento, natural do ambiente escolar, impreterivelmente, que a leitura ocupa uma posição de destaque na vida do ser humano.

Contudo, o Projeto Rodas de Leitura surgiu como um trabalho estratégico que viesse atender às habilidades específicas do sujeito - leitor e também, diversificar a leitura em consonância com as atividades relacionadas ao mundo desse sujeito. Dessa forma a leitura deve ser vista como uma atividade menos obrigatória, longe de atividades corriqueiras como exercícios envolvendo perguntas e respostas para fixação. A leitura, nesse momento, passou a se concretizar através de um ambiente mais salutar em que a prática do diálogo, a música e brincadeiras marcaram o espaço da sala de aula.

Em toda essa caminhada de atividade intensa em prol do conhecimento, ressaltando-se aqui o projeto, obteve-se resultado satisfatório dentro dos objetivos propostos. Nesse contexto, percebeu-se a mudança de atitudes por parte de alguns alunos, isto é, muitos deles abandonaram a inibição e passaram a interagir com os outros, resgatando valores como respeito, cooperação e amizade. Além do mais, observou-se que os alunos passaram a superar dificuldades em relação à leitura, interpretação de textos e até mesmo, na produção de diversos textos. Esse aprendizado não serviu apenas para melhorar os conteúdos escolares, mas para auxiliar na condução de experiências pessoais e profissionais.

Diante de todas essas informações, aqui apresentadas, tem-se a certeza de que muita coisa poderá ser feita em relação às práticas de leitura que integram a formação do leitor no ambiente familiar e na escola. Essa pesquisa se constitui em uma das formas de se discutir a questão em evidência. Portanto, sugere-se a implantação desse projeto, entre outros, na Proposta Político-Pedagógica da EAF-Codó/ MA, o que daria prosseguimento ao círculo de debates sobre a leitura, envolvendo não somente as disciplinas presentes nessa pesquisa, mas todas as disciplinas do currículo escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTO índice de analfabetismo no Maranhão. O estado do Maranhão, São Luís , p 4, 10 jul . 2007.
- ANTUNES, Gisele Francisco. **Autor e leitor:** dialogismo na construção da significação textual. Disponível < <http://www.alb.com.br/portal.html> > Acesso em 22/10/2008
- ARAÚJO, José Valdir Damascena. **A Flexibilização do trabalho docente na Escola Agrotécnica Federal de Codó-MA.** 63p. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia), Universidade Federal do Maranhão-UFMA, São Luís-MA, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura.** 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 259-253.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. **Pesquisa Participante:** a partilha do saber. Aparecida, SP: Idéias Et Letras, 2006.
- BRASIL. **PCN + ENSINO MÉDIO: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Linguagens, códigos e suas tecnologias. / Secretaria de Educação Média e Tecnologia. – Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.
- _____. **Ministério da Educação.** Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio/Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: MEC; SEMTEC, v 1, 2006.
- CANGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística.** São Paulo: Scipicione, 1994.
- CARVALHO e MENDONÇA, (orgs) **Práticas de leitura e escrita.** Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental.** São Paulo: Ática, 1999. v. 1.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura.** 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.77-105.
- DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. **Histórias de leitura na vida e na escola:** uma abordagem lingüística, pedagógica e social. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- FERREIRA, Matos Além Felix. **Expansão do Ensino Superior: Uma necessidade Social em Codó – MA.** 2004. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino Superior)
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 48 ed. São Paulo: Vozes, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.77-106.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.37-74.

HORIKAWA, Alice Yoko. **Modo de ler do professor em contexto de uma Prática de leitura de formação continuada:** uma análise enunciativa. Tese de doutorado: Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, João Batista. **Codó, história do fundo do Baú**. São Luís: Fact/ UEMA, 1999.

MACHADO, Tertuliana Corrêa. **A formação do aluno leitor**. Dissertação de mestrado: Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MARIA, Luzia de. **Leitura e colheita:** livros, leitura e formação de leitores. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96. Brasília: MEC, 1996.

MORAIS, José. **A arte de ler**. (Tradução de Álvaro Lorencini) São Paulo: Editora UNESP, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil:** voz de criança. 4ªed. São Paulo: Ática. 2006.

PAULINO, Graça Educação de qualidade e letramento. **Folha Proler**, Rio de Janeiro, v. V, n. 19, p. 04-04, 2001.

PÉCORA, Alcir. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 09-17.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **Folclore maranhense, informes**. São Luís: 1999.

SHORE, Elizabeth F.; GRACE, Cathy. **Manual de portfólios:** um guia passo a passo para professores. (Trad. de Ronaldo Cataldo Costa). Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA; Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro Da, **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. -7ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Elementos da pedagogia da leitura**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TOMÉ, Débora Cora. Leitura e escrita na pesquisa escolar do ensino fundamental. In: PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: Planejamento aos textos, da escola à academia. 2 ed. Ver. atual. e ampl. São Paulo: Rêspel, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1987.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo. Coleção a obra-prima de cada autor. Afiliada, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário para entrevista com os professores

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Nome:

Sexo:

Idade:

Tempo na docência.

Tempo que trabalha na EAF – Codó- MA:

Participação em curso de capacitação para docentes:

Entrevista para Professores

01. Você tem hábito de leitura? O que você costuma ler? E com que frequência?
02. Em sua opinião, que lugar ocupa a leitura na vida dos seus alunos?
03. Você trabalha a leitura na sala de aula? Com que frequência?
04. Como você trabalha a leitura em sala de aula?
05. Quais as dificuldades mais frequentes em sua aula para trabalhar a leitura?
06. Os alunos frequentam a biblioteca? Com que objetivos?
07. Como você avaliaria o rendimento dos alunos na área de leitura? Justifique.
08. A família contribui para o desenvolvimento da leitura? Como?
09. Faça algumas sugestões para melhorar atividade da leitura em sala de aula?

ANEXO B – Questionário para entrevista com os alunos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Nome:

Sexo:

Idade:

Série que está cursando:

Entrevista para Alunos

01. Que lugar ocupa a leitura na sua vida?
02. Você tem o hábito de ler? Com que frequência? Que tipo de textos você costuma ler? Caso a resposta for negativa: Que motivos o (a) levam a não ler com frequência?
03. Que tipo de leitura você gosta?
04. A escola oferece oportunidades para você desenvolver a leitura?. Dê alguns exemplos.
05. Você costuma frequentar a biblioteca de sua escola? Em que situações? Com que objetivos.
06. Como são as aulas de leitura na EAF - Codó?
07. Como você gostaria que fossem ministradas as aulas de leitura?

ANEXO C – Questionário para entrevista com funcionário da biblioteca

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Nome:

Tempo que trabalha na EAF – Codó- MA

Entrevista para Funcionária da Biblioteca

1. Você tem hábito de leitura?
2. Qual a importância da leitura em sua vida?
3. O que você costuma ler? E com que frequência?
4. Você gosta de trabalhar na biblioteca?
5. Os alunos frequentam a biblioteca da escola? Com que frequência?
6. Que tipo de leitura mais atraem os alunos na biblioteca?
7. Como funciona atividade de empréstimo de livros para os alunos?
8. A biblioteca disponibiliza de assinaturas de revistas e jornais para leitura de alunos?

ANEXO D – Textos utilizados nas oficinas do Projeto Rodas de Leitura

O Mito da Caverna

Extraído de "A República" de Platão

Imaginemos uma caverna subterrânea onde, desde a infância, geração após geração, seres humanos estão aprisionados. Suas pernas e seus pescoços estão algemados de tal modo que são forçados a permanecer sempre no mesmo lugar e a olhar apenas a frente, não podendo girar a cabeça nem para trás nem para os lados. A entrada da caverna permite que alguma luz exterior ali penetre, de modo que se possa, na semi-obscuridade, enxergar o que se passa no interior.

A luz que ali entra provém de uma imensa e alta fogueira externa. Entre ele e os prisioneiros - no exterior, portanto - há um caminho ascendente ao longo do qual foi erguida uma mureta, como se fosse a parte fronteira de um palco de marionetes. Ao longo dessa mureta-palco, homens transportam estatuetas de todo tipo, com figuras de seres humanos, animais e todas as coisas.

Por causa da luz da fogueira e da posição ocupada por ela os prisioneiros enxergam na parede no fundo da caverna as sombras das estatuetas transportadas, mas sem poderem ver as próprias estatuetas, nem os homens que as transportam.

Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros imaginavam que as sombras vistas são as próprias coisas. Ou seja, não podem saber que são sombras, nem podem saber que são imagens (estatuetas de coisas), nem que há outros seres humanos reais fora da caverna. Também não podem saber que enxergam porque há a fogueira e a luz no exterior e imaginam que toda a luminosidade possível é a que reina na caverna.

Que aconteceria, indaga Platão, se alguém libertasse os prisioneiros? Que faria um prisioneiro libertado? Em primeiro lugar, olharia toda a caverna, veria os outros seres humanos, a mureta, as estatuetas e a fogueira. Embora dolorido pelos anos de imobilidade, começaria a caminhar, dirigindo-se à entrada da caverna e, deparando com o caminho ascendente, nele adentraria.

Num primeiro momento ficaria completamente cego, pois a fogueira na verdade é a luz do sol e ele ficaria inteiramente ofuscado por ela. Depois, acostumando-se com a claridade, veria os homens que transportam as estatuetas e, prosseguindo no caminho, enxergaria as próprias coisas, descobrindo que, durante toda a sua vida, não vira senão sombra de imagens (as sombras das estatuetas projetadas no fundo da caverna) e que somente agora está contemplando a própria realidade.

Libertado e conhecedor do mundo, o prisioneiro regressaria à caverna, ficaria desnorteado pela escuridão, contaria aos outros o que viu e tentaria libertá-los.

Que lhe aconteceria nesse retorno? Os demais prisioneiros zombariam dele, não acreditariam em suas palavras e, se não conseguissem silenciá-lo com suas caçoadas, tentariam fazê-lo espancando-o e, se mesmo assim, ele teimasse em afirmar o que viu e os convidasse a sair da caverna, certamente acabariam por matá-lo. Mas, quem sabe alguns poderiam ouvi-lo e, contra a vontade dos demais, também decidissem sair da caverna rumo à realidade.

O que é a caverna?

Que são as sombras das estatuetas?

Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna?

O que é a luz exterior do sol?

O que é o mundo exterior?

Qual o instrumento que liberta o filósofo e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros?

Toquinho - Aquarela

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu
Vai voando contornando
A imensa curva norte sul
Vou com ela viajando
Havai, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela branco navegando
é tanto céu e mar num beijo azul
Entre as nuvens vem surgindo
Um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo
Com suas luzes a piscar
Basta imaginar e ele está partindo
Serenoso indo
E se a gente quiser
Ele vai pousar
Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos, bebendo de bem com a vida
De uma América à outra consigo passar num segundo
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo
Um menino caminha e caminhando chega no muro
E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença muda nossa vida
E depois convida a rir ou chorar
Nessa estrada não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela que um dia enfim
Descolorirá
Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
Que descolorirá
E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva
Que descolorirá
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo
Que descolorirá

Letra retirada de: www.buscaletras.com.br

Coração de Estudante
Milton Nascimento

Composição: Wagner Tiso / Milton Nascimento

Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar
Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos
A folha da juventude
É o nome certo desse amor

Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora, cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê
Flor e fruto

Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes, planta e sentimento
Folhas, coração,
Juventude e fé.

Uma rua como aquela

Era uma rua sem saída, muito simpática e limpa, de calçada tão estreita como uma passarela. Quem ali entrava, se não fosse morador, era para fazer visita ou entregar encomendas. Assim não havia gente transitando, nem automóveis em disparada, um sossego para as mães daquela rua sem saída.

Começava numa outra de grande movimento, a Rua do Governador, e tinha exatamente cento e cinquenta metros de comprimento, sendo que sua largura nunca alguém teve a curiosidade de medir, mas se dois automóveis estivessem encostados à calçadinha, um de cada lado, um terceiro passaria com dificuldade entre ambos. Por isso, seus moradores usavam recolher os carros sempre que chegavam, e assim, ela vivia maravilhosamente desimpedida para andar-se de bicicleta ou passear carrinhos de bebê.

A rua terminava num larguinho onde, com facilidade, os automóveis faziam a curva e voltavam; no centro havia um canteiro de gerânios vermelhos e uma árvore de rala galharia que os entendidos diziam ser um pau-brasil, ali, a despertar sentimentos patrióticos.

Atrás deste larguinho, bem de frente para a rua, ficava o castelinho, uma casona de ar pretensioso, até com torre, mas espremida num terreno pequeno e por isso chamada por muitos de peru no pires. Tinha o telhado enegrecido como o dorso de um elefante, sem antena de televisão, e suas paredes descascadas pedindo nova caiação lembravam o casco dum navio arrancado às profundezas do mar. Era a casa mais velha da rua e contrastava com as outras tão limpinhas, como roupa encardida pendurada entre peças alvejadas.

(PRADO, Lucília Junqueira de Almeida. *Uma rua como aquela*. Rio de Janeiro, Record, 1987. p. 11-12.)

TERRA

Eneida Agra Maracajá

Terra
Para que terra
Terra para plantar
Terra para morar
Terra para cultivar
Terra para alimentar

Da terra nasce
O capim
Os açudes
As cisternas
As frutas
O milho
O feijão

Terra
Para que Terra?

Cio da terra

(1976)

Música e letra: Milton Nascimento e Chico Buarque de Hollanda

Debulhar o trigo

Recolher cada bago do trigo

Forjar no trigo o milagre do pão e se fartar de pão

Decepar a cana

Recolher a garapa da cana

Roubar da cana a doçura do mel , se lambuzar de mel

Afagar a terra

Conhecer os desejos da terra

Cio da terra a propícia estação e fecundar o chão

Debulhar o trigo

Recolher cada bago do trigo

Forjar no trigo o milagre do pão e se fartar de pão

Decepar a cana

Recolher a garapa da cana

Roubar da cana a doçura do mel , se lambuzar de mel

Afagar a terra

Conhecer os desejos da terra

Cio da terra a propícia estação e fecundar o chão

Projeto Rodas de Leitura

Início: 06/11/07 Término: 04/12/07

Prof^a: Ivonete

Aluno(a): Fernando

Tema principal: Desenvolver trabalhos e esclarecer questões quanto à vivência no dia-a-dia e a sociedade em que vivemos.

Portifólio

“A Mente que se abre a uma nova idéia, jamais voltará ao seu tamanho original”. (Albert Eistein)

Sumário

Encontro I

- ↳ Leitura do passado

Encontro II

- ↳ Leitura do presente
- * Texto: O mito da caverna

Encontro III

- ↳ Leitura do futuro
- * Texto: música aquarela

Encontro IV

- ↳ Contação de histórias infantis

Encontro V

- ↳ Trabalhando a poesia
- * Música: Orações de estudante

Encontro VI

- ↳ Construção de texto narrativo a partir de frases

Encontro VII

- ↳ Trabalhando texto descritivo